

Papa Francisco



CATEQUESES SOBRE O ZELO APOSTÓLICO

Editado por 



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIAS GERAIS DAS QUARTAS-FEIRAS

Catequeses:

A paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente.

Fonte:
vatican.va

Quarta-feira, 11 de janeiro de 2023

1. A chamada ao apostolado (Mt 9,9-13)

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje começamos um novo ciclo de catequeses, dedicado a um tema urgente e decisivo para a vida cristã: *a paixão pela evangelização*, ou seja, *o zelo apostólico*. Trata-se de uma dimensão vital para a Igreja: com efeito, a comunidade dos discípulos de Jesus nasce apostólica, nasce missionária, não proselitista e desde o início deveríamos distinguir isto: ser missionária, ser apostólica, evangelizar não é o mesmo que fazer proselitismo, nada tem a ver uma coisa com a outra. Trata-se de uma dimensão vital para a Igreja, a comunidade dos discípulos de Jesus nasce apostólica e missionária. O Espírito Santo plasma-a em saída - a Igreja em saída, que sai – para que não fique fechada em si mesma, mas seja extrovertida, testemunha contagiosa de Jesus - a fé também se contagia - destinada a irradiar a sua luz até aos extremos confins da terra. Contudo, pode acontecer que o ardor apostólico, o desejo de alcançar os outros com o bom anúncio do Evangelho, diminua, se torne túbio. Às vezes parece eclipsar-se, são cristãos fechados, não pensam nos outros. Mas quando a vida cristã perde de vista o horizonte da evangelização, o horizonte do anúncio, adoece: fecha-se em si mesma, torna-se autorreferencial, atrofia-se. Sem zelo apostólico, a fé esmorece. Ao contrário, a missão é o oxigénio da vida cristã: tonifica-a e purifica-a. Então, empreendamos um caminho à redescoberta da paixão evangelizadora, começando pelas Escrituras e pelo ensinamento da Igreja, para haurir das fontes o zelo apostólico. Depois, abordaremos algumas nascentes vivas, algumas testemunhas que reacenderam na Igreja a paixão pelo Evangelho, a fim de que nos ajudem a reavivar o fogo que o Espírito Santo quer fazer arder sempre em nós.

E hoje, gostaria de iniciar com um episódio evangélico de certo modo emblemático, que acabámos de ouvir: a chamada do apóstolo Mateus, e ele mesmo narra-a no seu Evangelho, no excerto que ouvimos (cf. 9, 9-13).

Tudo começa com Jesus, que “vê” - diz o texto - «um homem». Poucos viam Mateus como era: conheciam-no como aquele que estava «sentado no banco dos impostos» (v. 9). Com efeito, era cobrador de impostos: ou seja, alguém que cobrava os tributos em nome do império romano, que ocupava a Palestina. Em síntese, era um colaboracionista, um traidor do povo. Podemos imaginar o desprezo que o povo sentia por ele: era um “publicano”, assim se chamava. Mas, aos olhos de Jesus, Mateus é um homem, com as suas misérias e a sua grandeza. Estai atentos a isto: Jesus não se detém nos adjetivos, Jesus procura sempre o substantivo. “Este é um pecador, este é um tal pelo qual...” são adjetivos: Jesus vai à pessoa, ao coração, esta é uma pessoa, este é um homem, esta é uma mulher, Jesus vai à substância, ao substantivo, nunca ao adjetivo, põe de lado os adjetivos. E enquanto entre Mateus e o seu povo há distância – pois eles viam o adjetivo “publicano” - Jesus aproxima-se dele, porque *cada homem* é amado por Deus; “Até este desventurado?”. Sim, inclusive este desventurado, aliás Ele veio para este desventurado, diz o Evangelho: “Vim para os pecadores, não para os justos”. Este *olhar* de Jesus que é belíssimo, que vê o outro, quem quer que seja, como destinatário de amor, é o início da paixão evangelizadora. Tudo começa a partir deste olhar, que aprendemos com Jesus.

Podemos perguntar-nos: como vemos os outros? Quantas vezes vemos os seus defeitos e não as suas necessidades; quantas vezes etiquetamos as pessoas pelo que fazem ou por aquilo que pensam! Até como cristãos, dizemos: é ou não é dos nossos? Este não é o olhar de Jesus: Ele olha sempre para cada um com misericórdia, aliás, com predilecção. E os cristãos são chamados a fazer como Cristo, olhando como Ele, especialmente para os chamados “distantes”. Efetivamente, a narração da chamada de Mateus conclui-se com Jesus que diz: «Não vim chamar os justos, mas os pecadores!» (v. 13). E se algum de nós se sente justo, Jesus permanece distante, Ele aproxima-se dos nossos limites e das nossas misérias, para nos curar.

Portanto, tudo começa pelo olhar de Jesus “Viu um homem”, Mateus. A isto segue-se - segunda passagem - *um movimento*. Antes do olhar, Jesus viu, depois a segunda passagem, o movimento. Mateus estava sentado no

banco dos impostos; Jesus disse-lhe: «Segue-me!». E ele «levantou-se e seguiu-o» (v. 9). Observemos que o texto realça: “*levantou-se*”. Por que é tão importante este detalhe? Porque naquela época quem estava sentado tinha autoridade sobre os outros, que permaneciam em pé diante dele para o ouvir ou, como nesse caso, para pagar os impostos. Em síntese, quem estava sentado tinha poder. A primeira coisa que Jesus faz é separar Mateus do poder: do estar sentado para receber os outros, põe-no em movimento rumo aos outros, não recebe, não: vai até aos outros; fá-lo deixar uma posição de supremacia para o colocar no mesmo nível dos irmãos e para lhe abrir *os horizontes do serviço*. É isto que faz, e isto é fundamental para os cristãos: nós, discípulos de Jesus, nós, Igreja, permanecemos sentados à espera que as pessoas venham, ou sabemos levantar-nos, pôr-nos a caminho com os outros, procurar os outros? É uma posição não cristã dizer: “Mas, que venham, estou aqui, que venham”. Não, vai tu procura-los, dá tu o primeiro passo.

Um olhar – Jesus viu - , um movimento – levanta-se - e terceiro, *uma meta*. Depois de se levantar e seguir Jesus, para onde irá Mateus? Poderíamos imaginar que, tendo mudado a vida daquele homem, o Mestre o conduziu para novos encontros, novas experiências espirituais. Não, ou pelo menos não imediatamente. Em primeiro lugar, Jesus vai a sua casa; ali, Mateus prepara-lhe «um grande banquete», no qual «participa uma grande multidão de publicanos» (Lc 5, 29) isto é, pessoa como ele. Mateus regressa ao seu ambiente, mas volta mudado e com Jesus. O seu zelo apostólico não começa num lugar novo, puro, num lugar ideal, distante, mas lá, começa onde vive, com as pessoas que conhece. Eis a mensagem para nós: não devemos esperar ser perfeitos e ter percorrido um longo caminho atrás de Jesus para dar testemunho d’Ele; o nosso anúncio começa hoje, lá onde vivemos. E não começa procurando convencer os outros, convencer não: mas testemunhando todos os dias a beleza do Amor que olhou para nós e nos fez levantar e será esta beleza, comunicar esta beleza que convencerá as pessoas, não comunicar a nós, mas o Senhor. Somos aqueles que anunciam o Senhor, não anunciamos a nós mesmos, nem anunciamos um partido político, uma ideologia, não: anunciamos Jesus. É preciso pôr Jesus em contacto com as pessoas, sem as convencer, mas deixar que o Senhor convença.

Com efeito, como nos ensinou o Papa Bento XVI, «a Igreja não faz proselitismo. Ao contrário, ela desenvolve-se *por* «atração» (*Homilia na Missa de Inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Aparecida, 13 de maio de 2007). Não esqueçais isto: quando virdes cristãos que fazem proselitismo, que fazem uma lista de gente que venha... estes não são cristãos, são pagãos disfarçados de cristãos mas o coração é pagão. A Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração. Recordo que certa vez num hospital de Buenos Aires foram-se embora as religiosas que ali trabalhavam porque eram poucas e não podiam levar em frente o hospital e veio uma comunidade de irmãs da Coreia e chegaram, pensemos por exemplo numa segunda-feira, não me lembro do dia. Tomaram posse da casa das religiosas do hospital e na terça-feira desceram para visitar os doentes, mas não falavam uma palavra em espanhol, falavam apenas o coreano e os doentes estavam felizes, pois comentavam: “Óptimas estas religiosas, boas, excelentes” – Mas o que te disse a irmã? “Nada, mas com o olhar falou-me, comunicou-me Jesus”. Não comuniquemos a nós mesmos, mas com o olhar, com os gestos, comuniquemos Jesus. Esta é a atração, o contrário do proselitismo.

Este testemunho atraente, este testemunho jubiloso é a meta para a qual Jesus nos conduz com o seu olhar de amor e com o movimento em saída que o seu Espírito suscita no coração. E podemos pensar se o nosso olhar se assemelha ao de Jesus para atrair as pessoas, para aproximar à Igreja. Pensemos nisto.

Quarta-feira, 18 de janeiro de 2023

2. Jesus, modelo do anúncio

Prezados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos todos!

Na quarta-feira passada demos início a um ciclo de catequeses sobre a paixão de evangelizar, isto é, sobre o zelo apostólico que deve animar a Igreja e cada cristão. Hoje olhemos para o modelo insuperável do anúncio: Jesus. O Evangelho do dia de Natal definia-o “Verbo de Deus” (cf. *Jo* 1, 1). O facto de Ele ser o Verbo, ou seja, a Palavra, indica-nos um aspecto essencial de Jesus: Ele está sempre em relação, em saída, nunca isolado, sempre em relação, em saída; com efeito, a palavra existe para ser transmitida, comunicada. Assim é Jesus, Palavra eterna do Pai comunicada a nós, transmitida a nós. Cristo não só tem palavras de vida, mas faz da sua vida uma Palavra, uma mensagem: ou seja, vive sempre voltado para o Pai e para nós. Olhando sempre para o Pai que O enviou e olhando para nós aos quais Ele foi enviado.

Efectivamente, se olharmos para os seus dias, descritos nos Evangelhos, veremos que em primeiro lugar há intimidade com o Pai, na oração; por isso Jesus levanta-se cedo, quando ainda está escuro, e retira-se em áreas desertas para rezar (cf. *Mc* 1, 35; *Lc* 4, 42) para falar com o Pai. Todas as decisões e escolhas importantes são feitas depois de ter rezado (cf. *Lc* 6, 12; 9, 18).

Precisamente nesta relação, na oração que o une ao Pai no Espírito, Jesus descobre o sentido do seu ser homem, da sua existência no mundo pois Ele está em missão por nós, enviado pelo Pai para nós.

A este propósito, é interessante o primeiro gesto público que Ele faz, após os anos de vida escondida em Nazaré. Jesus não realiza um grande prodígio, não lança uma mensagem espectacular, mas mistura-se com as pessoas que iam ser baptizadas por João. Assim, oferece-nos a chave do seu agir no mundo: despender-se pelos pecadores, tornando-se solidário para

connosco sem distâncias, na partilha total da vida. Com efeito, falando da sua missão, dirá que não veio «para ser servido, mas para servir e dar a sua vida» (Mc 10, 45). Todos os dias, depois da oração, Jesus dedica toda a sua jornada ao anúncio do Reino de Deus e dedica-o às pessoas, sobretudo às mais pobres e frágeis, aos pecadores e doentes (cf. Mc 1, 32-39). Isto é, Jesus está em contacto com o Pai na oração e depois está em contacto com todas as pessoas para a missão, para a catequese, para ensinar o caminho do Reino de Deus.

Pois bem, se quisermos representar com uma imagem o seu estilo de vida, não teremos dificuldade em encontrá-la: é o próprio Jesus que no-la oferece, como acabámos de ouvir, falando de si como do bom Pastor, aquele que - diz - «dá a sua vida pelas ovelhas» (Jo 10, 11), este é Jesus. Com efeito, ser pastor não era apenas um trabalho, que exigia tempo e muito esforço; era um verdadeiro estilo de vida: vinte e quatro horas por dia, vivendo com o rebanho, acompanhando-o às pastagens, dormindo entre as ovelhas, cuidando das mais fracas. Em síntese, Jesus não faz algo por nós, mas dá tudo, dá a vida por nós. O seu é *um coração pastoral* (cf. Ez 34, 15). É pastor com todos nós.

Com efeito, para resumir numa palavra a ação da Igreja, usa-se muitas vezes precisamente o termo “pastoral”. E para avaliar a nossa pastoral, devemos confrontar-nos com o modelo, confrontar-nos com Jesus, Jesus bom Pastor. Em primeiro lugar, podemos perguntar-nos: imitamo-lo bebendo das fontes da oração, para que o nosso coração esteja em sintonia com o seu? A intimidade com Ele é, como sugeria o bonito volume do abade Chautard, «*a alma de todo o apostolado*». O próprio Jesus disse claramente aos seus discípulos: «Sem mim nada podeis fazer!» (Jo 15, 5). Quem está com Jesus, descobre que o seu coração pastoral bate sempre por quantos estão perdidos, desviados, distantes. E o nosso? Quantas vezes a nossa atitude com pessoas que são um pouco difíceis ou que são um pouco complicadas se exprime com estas palavras: “Mas é um problema dele, que se arranje...”. Mas Jesus nunca disse isto, ao contrário, sempre foi ao encontro de todos os marginalizados, dos pecadores. Era acusado por isto, por estar com os pecadores, pois levava até eles a salvação de Deus.

Ouvimos a parábola da ovelha tresmalhada, contida no capítulo 15 do Evangelho de Lucas (cf. vv. 4-7). Jesus fala também da moeda perdida e do filho pródigo. Se quisermos treinar o nosso zelo apostólico, devemos ter sempre ao alcance o capítulo 15 de Lucas. Lede com frequência este trecho, nele podemos entender o que significa o zelo apostólico. Ali descobrimos que Deus não contempla o redil das suas ovelhas, nem as ameaça para que não se vão embora. Pelo contrário, se uma sai e se perde, não a abandona, mas procura-a. Não diz: “Foi-se, a culpa é dela, que se arranje”. O coração pastoral reage de outra maneira: o coração pastoral *sofre*, o coração pastoral *arrisca*. *Sofre*: sim, Deus sofre por aquele que parte, e na medida em que chora por ele, ama-o ainda mais. O Senhor sofre quando nos distanciamos do seu coração. Sofre por quem não conhece a beleza do seu amor, nem o calor do seu abraço. Mas, em resposta a este sofrimento, não se fecha, mas *arrisca*: deixa as noventa e nove ovelhas que estão a salvo e aventura-se em busca da única que se perdeu, fazendo assim algo arriscado e até irracional, mas em sintonia com o seu coração pastoral, que tem saudades de quantos se foram. A nostalgia por aqueles que se foram é contínua em Jesus. E quando sentimos que alguém deixou a Igreja o que dizemos? “Que se arranje”. Não, Jesus ensina-nos as saudades daqueles que vão embora; Jesus não sente raiva nem ressentimento, mas uma irreduzível nostalgia de nós. Jesus sente saudades de nós e este é o zelo de Deus!

E eu pergunto-me: nós, será que temos sentimentos semelhantes? Talvez vejamos como adversários ou inimigos aqueles que deixaram o rebanho. “E este? – Não, foi para outra parte, perdeu a fé, espera-o o inferno...”, e estamos tranquilos. Encontrando-os na escola, no trabalho, nas ruas da cidade, por que não pensar, ao contrário, que temos uma boa oportunidade de lhes testemunhar a alegria de um Pai que os ama e nunca os esqueceu? Não para fazer proselitismo, não! Mas que lhe chegue a Palavra do Pai, para caminhar juntos. Evangelizar não é fazer proselitismo: fazer proselitismo é algo pagão, não é religioso nem evangélico. Há uma boa palavra para aqueles que deixaram o rebanho e somos nós que temos a honra e o dever de lhes levar, de dizer aquela palavra. Pois é a Palavra, Jesus, que nos pede isto, aproximarmo-nos sempre, com o coração aberto, a todos, pois Ele é assim. Talvez sigamos e amemos Jesus há muito tempo, sem nunca nos perguntarmos se compartilhamos os seus sentimentos, se *sofremos* e

arriscamos, em sintonia com o coração de Jesus, com este coração pastoral, próximo do coração pastoral de Jesus! Não se trata de fazer proselitismo, disse, para que outros sejam “dos nossos”, não, isto não é cristão: trata-se de amar a fim de que sejam filhos felizes de Deus.

Peçamos na oração a graça de um coração pastoral, aberto, que se põe próximo de todos, para levar a mensagem do Senhor e também sentir as saudades de Cristo por cada um. Pois a nossa vida sem este amor que sofre e arrisca, não está bem: se nós cristãos não temos este amor que sofre e arrisca, correremos o perigo de nos apascentarmos unicamente a nós próprios. Os pastores que são pastores de si mesmos, e não pastores do rebanho, são penteadores de ovelhas “requintadas”. Não devemos ser pastores de nós mesmos, mas pastores de todos.

Quarta-feira, 25 de janeiro de 2023

3. Jesus, Mestre do anúncio

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Na quarta-feira passada refletimos sobre Jesus, *modelo do anúncio*, sobre o seu coração pastoral, sempre propenso para os outros. Hoje olhemos para Ele *como mestre do anúncio*. Deixemo-nos orientar pelo episódio em que Ele prega na sinagoga do seu povoado, Nazaré. Jesus lê um trecho do profeta Isaías (cf. 61, 1-2) e depois surpreende todos com um “sermão” muito breve, de uma única frase, uma só frase. Diz assim: «Hoje cumpriu-se este oráculo, que acabais de ouvir» (Lc 4, 21). Esta foi a pregação de Jesus: «Hoje cumpriu-se este oráculo, que acabais de ouvir». Isto significa que para Jesus essa passagem profética contém o essencial daquilo que Ele quer dizer de si. Por conseguinte, cada vez que falamos de Jesus, deveríamos seguir aquele seu primeiro anúncio. Então, vejamos em que consiste este primeiro anúncio. Podemos identificar cinco elementos essenciais.

O primeiro elemento é a *alegria*. Jesus proclama: «O Espírito do Senhor está sobre mim; [...] enviou-me para anunciar a *boa nova* aos pobres» (v. 18), isto é, um anúncio de júbilo, de alegria. Boa nova: não se pode falar de Jesus sem alegria, porque a fé é uma maravilhosa história de amor a partilhar. Testemunhar Jesus, fazer algo pelos outros em seu nome, é dizer nas entrelinhas da vida que se recebeu um dom tão bonito que nenhuma palavra é suficiente para o expressar. Ao contrário, quando falta alegria, o Evangelho não passa, pois ele – como a própria palavra o diz - é *bom anúncio*, e Evangelho quer dizer bom anúncio, anúncio de alegria. O cristão triste pode falar de coisas maravilhosas, mas será tudo em vão se o anúncio que transmite não for jubiloso. Dizia um pensador: “um cristão triste é um triste cristão”: não esqueçais isto.

Passemos para o segundo aspeto: *a libertação*. Jesus diz que foi enviado «para anunciar a libertação aos cativos» (v. 19). Isto significa que quem

anuncia Deus não pode fazer proselitismo, não, não pode pressionar os outros, mas deve aliviá-los: não impor fardos, mas livrar deles; levar paz, não sentimentos de culpa. Sem dúvida, seguir Jesus exige ascese, exige sacrifícios; de resto, se cada coisa boa o requer, muito mais o exige a realidade decisiva da vida! Mas quem dá testemunho de Cristo mostra a beleza da meta, mais do que o cansaço do caminho. Ter-nos-á ocorrido contar a alguém sobre uma bela viagem que fizemos. Por exemplo, teríamos falado da beleza dos lugares, do que vimos e vivemos, não do tempo para lá chegar, nem das filas no aeroporto, não! Assim, qualquer anúncio digno do Redentor deve comunicar libertação. Como aquele de Jesus. Hoje há alegria pois vim libertar.

Terceiro aspeto: *a luz*. Jesus diz que veio para restituir «aos cegos o recobrar da vista» (*ibid.*). É impressionante que em toda a Bíblia, antes de Cristo, nunca aparece a cura de um cego, nunca. Com efeito, era um sinal prometido que viria com o Messias. Contudo, aqui não se trata apenas da vista física, mas de uma luz que faz ver a vida de modo novo. Há um “vir à luz”, um renascimento que só se verifica com Jesus. Pensando bem, foi assim que a vida cristã teve início para nós: com o Batismo, que antigamente se chamava precisamente “iluminação”. E que luz nos dá Jesus? Traz-nos a *luz da filiação*: Ele é o Filho amado do Pai, vivo para sempre; e com Ele, também nós somos filhos de Deus, amados para sempre, não obstante os nossos erros e defeitos. Então, a vida já não é um avançar cego rumo ao nada, não: não é questão de destino ou sorte, não é algo que depende do acaso ou das estrelas, nem sequer da saúde ou das finanças, não. A vida depende do amor, do amor do Pai, que cuida de nós, seus filhos amados. Como é maravilhoso partilhar esta luz com os outros! Já pensastes que a vida de cada um de nós – a minha vida, a tua vida, a nossa vida – é um gesto de amor? É um convite ao amor? Isto é maravilhoso! Mas muitas vezes esquecemos isto, face às dificuldades, diante das más notícias, também diante – e isto é terrível – da mundanidade, do modo de viver mundano.

Quarto aspeto do anúncio: *a cura*. Jesus diz que veio «para libertar os oprimidos» (*ibid.*). Oprimido é aquele que, na vida, se sente esmagado por algo que acontece: doenças, canseiras, pesos no coração, sentimentos de

culpa, erros, vícios, pecados... Oprimidos por isto: pensemos por exemplo nos sentimentos de culpa. Quantos de nós sofreram com isto? Pensemos um pouco num sentimento de culpa deste, daquele... O que nos oprime é, acima de tudo, precisamente aquele mal que nenhum medicamento ou remédio humano pode curar: o pecado. E se alguém tem sentimento de culpa por algo que fez, e se sente mal... mas a boa notícia é que com Jesus este mal antigo, o pecado, que parece invencível, já não tem a última palavra. Posso pecar, pois sou débil. Cada um de nós o pode fazer, mas esta não é a última palavra. A última palavra é a mão estendida de Jesus que te ergue do pecado. E padre, quando o faz? Uma vez? Não. Duas? Não. Três? Não. Sempre. Cada vez que estás mal, o Senhor tem sempre a mão estendida. É preciso apenas pegar nela e deixar-se levar. A boa notícia é que com Jesus este mal antigo não tem a última palavra: a última palavra é a mão estendida de Jesus que te leva em frente. Do pecado, Jesus cura-nos *sempre*. E quanto devo pagar pela cura? Nada. Cura-nos *sempre e gratuitamente*. Ele convida quantos estão «cansados e oprimidos» - disse-o no Evangelho – convida a ir até Ele (cf. *Mt* 11, 28). E então, acompanhar alguém ao encontro de Jesus significa levá-lo ao médico do coração, que alivia a vida. Significa dizer: “Irmão, irmã, não tenho respostas para muitos dos teus problemas, mas Jesus conhece-te, Jesus ama-te, pode curar-te e tranquilizar o coração”. Quem carrega fardos precisa de uma carícia no passado. Muitas vezes ouvimos: “Mas eu precisaria de curar o meu passado... preciso de uma carícia naquele passado que me pesa muito...”. Tem necessidade de perdão. E quem acredita em Jesus tem precisamente isto para oferecer ao próximo: a força do perdão que liberta a alma de qualquer dívida. Irmãos, irmãs, não esqueçais: Deus esquece tudo. Porquê? Sim, esquece todos os nossos pecados, deles não há memória. Deus perdoa tudo pois esquece os nossos pecados. Só precisamos de nos aproximar do Senhor e Ele perdoa-nos tudo. Pensai em algo do Evangelho, naquele que começou a falar: “Senhor, pequei!”. Aquele filho... E o pai fecha-lhe a boca com a mão. “Não, está bem, nada...” Não o deixa acabar... Isto é bonito. Jesus espera-nos para nos perdoar, para nos sarar. E quanto? Uma vez? Duas vezes? Não. Sempre. “Mas, padre, faço as mesmas coisas sempre...”. E também ele fará as suas mesmas coisas sempre: perdoa-te, abraça-te. Por favor, não duvidemos disto. É assim que se ama o Senhor. Quem carrega pesos e precisa de uma carícia no passado, precisa de perdão, saiba que

Jesus o faz. E é isto que Jesus oferece: libertar a alma de cada dívida. Na Bíblia fala-se de um ano em que libertava do peso das dívidas: o Jubileu, o ano da graça. Como se fosse o último ponto do anúncio!

Com efeito, Jesus diz que veio «para proclamar o ano da graça do Senhor» (Lc 4, 19). Não era um jubileu programado, como aqueles que estamos a fazer agora, que tudo é programado e pensamos em como fazer, como não fazer... Não. Mas com Cristo a graça que renova a vida chega e surpreende sempre. Cristo é o Jubileu de cada dia, de cada hora, que se aproxima de ti, para te acariciar, para te perdoar. E o anúncio de Jesus deve trazer sempre o *enlevo da graça*. Este enlevo... “Não acredito, fui perdoado, fui perdoada”. Mas é tão grande o nosso Deus! Pois não somos nós que fazemos grandes coisas, mas é a graça do Senhor que, inclusive através de nós, realiza coisas imprevisíveis. E estas são as surpresas de Deus! Deus é um mestre das surpresas. Surpreende-nos sempre, espera-nos sempre. Nós chegamos, e Ele está à espera. Sempre. O Evangelho é acompanhado por um sentimento de maravilha e de novidade que tem um nome: Jesus!

Que Ele nos ajude a anunciá-lo como deseja, comunicando *alegria, libertação, luz, cura e enlevo*. É assim que se comunica Jesus.

Um último aspeto: este *feliz anúncio*, que recita o Evangelho, é dirigido «aos pobres» (v.18). Muitas vezes esquecemo-nos deles, no entanto são os destinatários explicitamente mencionados porque são os prediletos de Deus. Lembremo-nos deles, e recordemos que, para receber o Senhor, cada um de nós deve fazer-se “pobre dentro”. Com aquela pobreza que faz dizer... “Senhor, preciso de perdão, preciso de ajuda, preciso de força”. A pobreza que todos temos: tornar-se pobre dentro. Trata-se de superar qualquer pretensão de autossuficiência para compreender que é necessitado de graça, e sempre necessitado d’Ele. Se alguém me disser: Padre, mas qual é a via mais breve para encontrar Jesus? Torna-te necessitado. Torna-te necessitado de graça, necessitado de perdão, necessitado e alegria. E Ele aproximar-se-á de ti.

Quarta-feira, 15 de fevereiro de 2023

4. O primeiro apostolado

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuemos as nossas catequeses; o tema que escolhemos é: “A paixão de evangelizar, o zelo apostólico. Pois evangelizar não é dizer: “Olha, blá-blá-blá” e nada mais; há uma paixão que engloba tudo: a mente, o coração, as mãos, ir... tudo, a pessoa inteira está envolvida na proclamação do Evangelho, e por isso falamos de *paixão de evangelizar*. Depois de termos visto em Jesus o modelo e o mestre do anúncio, hoje passemos aos primeiros discípulos, àquilo que os primeiros discípulos fizeram. O Evangelho diz que Jesus «designou doze dentre eles - a quem chamou apóstolos - para andarem com Ele e para os enviar a pregar» (Mc 3, 14), duas coisas: para que andassem com Ele e para os enviar a pregar. Há um aspeto que parece contraditório: chama-os para que andem com Ele e para os enviar a pregar. Dir-se-ia: ou um ou outro, ou andar ou enviar. Mas não: para Jesus, não há estar sem ir e não há ir sem estar. Não é fácil entender isto, mas é assim. Procuremos compreender um pouco em que sentido Jesus diz estas coisas.

Em primeiro lugar, *não há ir sem estar*: antes de enviar os discípulos em missão, Cristo - diz o Evangelho – “reúne-os” (cf. Mt 10, 1). O anúncio nasce do encontro com o Senhor; toda a atividade cristã, especialmente a missão, começa a partir dali. Não se aprende numa academia: não! Começa pelo encontro com o Senhor. Com efeito, testemunhá-lo significa irradiá-lo; mas, se não recebermos a sua luz, extinguir-nos-emos; se não o frequentarmos, anunciar-nos-emos a nós próprios e não a Ele – anuncio-me a mim mesmo, não a Ele - e tudo será vão. Portanto, só a pessoa que andar com Ele poderá anunciar o Evangelho de Jesus. Quem não andar com Ele não pode anunciar o Evangelho. Anunciará ideias, mas não o Evangelho. Mas de igual modo *não há estar sem ir*. Na realidade, seguir Cristo não é algo intimista: sem anúncio, sem serviço, sem missão, a relação com Jesus não cresce. Observemos que no Evangelho o Senhor envia os discípulos

antes de ter completado a sua preparação: pouco depois de os ter chamado, já os envia! Isto significa que a experiência da missão faz parte da formação cristã. Então, recordemos estes dois momentos constitutivos para cada discípulo: estar com Jesus e ir, envidados por Jesus.

Tendo chamado os discípulos a si, e antes de os enviar, Cristo dirige-lhes um discurso, conhecido como o “sermão missionário”, assim se chama no Evangelho. Encontra-se no capítulo 10 do Evangelho de Mateus e é como que a “*constituição*” do anúncio. Daquele discurso, cuja leitura vos recomendo hoje – é apenas uma página do Evangelho - friso três aspetos: *porquê* anunciar, *o que* anunciar e *como* anunciar.

Porquê anunciar. A motivação está em cinco palavras de Jesus, que nos fará bem recordar:

«Recebestes de graça, dai de graça!» (v. 8). São cinco palavras. Mas porquê anunciar? Porque recebi de graça e devo dar de graça. O anúncio não começa por nós, mas pela beleza do que recebemos de graça, sem mérito: encontrar Jesus, conhecê-lo, descobrir que somos amados e salvos. É um dom tão grande que não podemos guardá-lo para nós, sentimos a necessidade de o irradiar; mas com o mesmo estilo, ou seja, na gratuidade. Em síntese: temos um dom, por isso somos chamados a fazer-nos dom; recebemos um dom e a nossa vocação consiste em tornar-nos dom para os outros; em nós há a alegria de ser filhos de Deus, e ela deve ser partilhada com os irmãos e irmãs que ainda não o conhecem! Esta é a razão do anúncio. Ir e anunciar a alegria daquilo que recebemos.

Segundo, *o que* anunciar? Jesus diz: «Pregai, anunciando que o reino dos céus está próximo» (v. 7). Eis o que se deve dizer, antes de tudo e em tudo: Deus está próximo. Mas, nunca esqueçamos isto: Deus esteve sempre próximo do povo, Ele próprio o recordou ao povo, Disse assim: “Vede, que Deus está tão próximo das nações como Eu estou próximo de vós?”. A proximidade é uma das coisas mais importantes de Deus. Há três aspetos importantes: proximidade, misericórdia e ternura. Não vos esqueçais disto. Quem é Deus? O Próximo, o Terno, o Misericordioso. Esta é a realidade de Deus! Pregando, frequentemente convidamos as pessoas a fazer algo, e isto

é bom; mas não esqueçamos que a mensagem principal é que Ele está próximo: proximidade, misericórdia e ternura. Aceitar o amor de Deus é mais difícil, porque queremos estar sempre no centro, desejamos ser protagonistas, estamos mais propensos a deixar-nos plasmar, mais a falar do que a ouvir. Mas, se em primeiro lugar estiver o que fazemos, continuaremos a ser os protagonistas. Ao contrário, o anúncio deve dar a primazia a Deus: dar a primazia a Deus, o primeiro lugar a Deus e oferecer aos outros a oportunidade de o acolher, de sentir que Ele está próximo. E eu, atrás!

Terceiro ponto: *como* anunciar. É o aspecto sobre o qual Jesus mais insiste: como anunciar, qual é o método, qual deve ser a linguagem para anunciar; é significativo: diz-nos que o modo, o estilo, é essencial no testemunho. O testemunho não envolve apenas a mente, dizer algo, conceitos: não! Engloba tudo, mente, coração, mãos, tudo, as três linguagens da pessoa: a linguagem do pensamento, a linguagem do afeto e a linguagem da obra. As três linguagens. Não se pode evangelizar apenas com a mente ou só com o coração ou unicamente com as mãos. Envolve tudo. E, neste estilo, o importante é o testemunho, como Jesus quer que façamos. Ele diz assim: «Envio-vos como ovelhas no meio de lobos» (v. 16). Não nos pede para saber enfrentar os lobos, isto é, para saber argumentar, reagir e defender-se: não! Pensaríamos assim: tornemo-nos relevantes, numerosos, prestigiosos, e o mundo ouvir-nos-á, respeitar-nos-á e derrotaremos os lobos: não, não é assim! Não, envio-vos como ovelhas, como cordeiros. Isto é importante. Se não quiseres ser ovelha, o Senhor não te defenderá dos lobos. Arranja-te como puderes. Mas se fores ovelha, tem a certeza de que o Senhor te defenderá dos lobos. Ser humilde! Ele pede-nos que sejamos assim, mansos e desejosos de ser inocentes, dispostos ao sacrifício; com efeito, é o que o cordeiro representa: mansidão, inocência, dedicação, ternura. E Ele, o Pastor, reconhecerá os seus cordeiros e protegê-los-á dos lobos. Ao contrário, os cordeiros disfarçados de lobos são desmascarados e dilacerados. Um Padre da Igreja escrevia: «Enquanto formos cordeiros, venceremos; e mesmo que sejamos circundados por numerosos lobos, conseguiremos vencê-los. Mas se formos lobos, seremos derrotados, pois seremos privados da ajuda do pastor. Ele não apascenta lobos, mas cordeiros» (São João Crisóstomo, *Homilia 33 sobre o Evangelho*

de Mateus). Se eu quiser ser do Senhor, devo deixar que Ele seja o meu pastor, e Ele não é pastor de lobos, é pastor de cordeiros mansos, humildes, bons para com o Senhor.

Ainda sobre o modo *como* anunciar, é impressionante que Jesus, em vez de prescrever o que levar em missão, diga o que não levar. Às vezes, vê-se algum apóstolo, alguma pessoa que se muda, algum cristão que se diz apóstolo e deu a vida pelo Senhor, e carrega muitas bagagens: mas isto não é do Senhor, o Senhor torna suave o nosso fardo e diz o que não devemos levar:

«Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro nos vossos cintos, nem alforge para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado» (vv. 9-10). Não levar nada. Diz para não nos apoiarmos em certezas materiais, para ir ao mundo sem mundanidade. É o que se deve dizer: vou ao mundo não com o estilo do mundo, não com os valores do mundo, não com a mundanidade - e para a Igreja, cair na mundanidade é o pior que pode acontecer. Vou com simplicidade! Eis como se anuncia: mostrando Jesus, mais do que falando de Jesus. E como mostramos Jesus? Com o nosso testemunho. Em síntese, caminhando *juntos*, em comunidade: o Senhor envia todos os discípulos, mas ninguém vai sozinho. A Igreja apostólica é toda missionária e na missão encontra a sua unidade. Portanto: ir mansos e bons como cordeiros, sem mundanidade, e ir juntos. Eis a chave do anúncio, eis a chave do bom êxito da evangelização!

Aceitemos estes convites de Jesus: as suas palavras sejam o nosso ponto de referência!

Quarta-feira, 22 de fevereiro de 2023

5. O protagonista do anúncio: o Espírito Santo

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

No nosso itinerário de catequeses sobre a paixão de evangelizar, hoje recomeçamos pelas palavras de Jesus que ouvimos: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). *Ide*, diz o Ressuscitado, não para doutrinar, nem para fazer prosélitos, não, mas para *fazer discípulos*, ou seja, para oferecer a cada um a possibilidade de entrar em contacto com Jesus, de o conhecer e de o amar livremente. *Ide, batizando*: batizar significa imergir e, portanto, antes de indicar uma ação litúrgica, exprime uma ação vital: imergir a própria vida no Pai, no Filho, no Espírito Santo; experimentar todos os dias a alegria da presença de Deus que está próximo de nós como Pai, como Irmão, como Espírito que age em nós, no nosso próprio espírito. Batizar significa imergir-se na Trindade.

Quando Jesus diz aos seus discípulos - e também a nós - “Ide!”, não comunica apenas uma palavra. Não! Comunica, ao mesmo tempo, o *Espírito Santo*, pois só graças a Ele, ao Espírito Santo, podemos receber a missão de Cristo e cumpri-la (cf. Jo 20, 21-22). Com efeito, os Apóstolos permanecem fechados no Cenáculo, com medo, enquanto não chega o dia de Pentecostes e desce sobre eles o Espírito Santo (cf. At 2, 1-13). E naquele momento desaparece o temor e com a sua força aqueles pescadores, na sua maioria iletrados, mudarão o mundo. “Mas se não souberem falar...”. Mas é a palavra do Espírito, a força do Espírito que os leva em frente para mudar o mundo. Portanto, o anúncio do Evangelho só se realiza na força do Espírito, que precede os missionários e prepara o coração: Ele é “o motor da evangelização”.

Descobrimo-lo nos Atos dos Apóstolos, onde em cada página vemos que o *protagonista do anúncio* não é Pedro, Paulo, Estêvão ou Filipe, mas o *Espírito Santo*. Ainda nos Atos, narra-se um momento nevrálgico dos

primórdios da Igreja, que também nos pode dizer muito. Nessa época, como hoje, com as consolações não faltavam tribulações - momentos bons e momentos menos bons – as alegrias eram acompanhadas por preocupações, ambas as coisas. Uma em particular: como se comportar com os pagãos que chegavam à fé, com quantos não pertenciam ao povo hebreu, por exemplo. Eram ou não obrigados a observar as prescrições da Lei mosaica? Não se tratava de uma questão de pouca importância para aquele povo. Assim, formam-se dois grupos, entre aqueles que consideravam a observância da Lei indispensável e quem não. Para discernir, os Apóstolos reúnem-se no que se chama o “Concílio de Jerusalém”, o primeiro da história. Como resolver o dilema? Ter-se-ia podido procurar um bom compromisso entre tradição e inovação: algumas normas observam-se, outras deixam-se de lado. Contudo, os Apóstolos não seguem esta sabedoria humana para procurar um equilíbrio diplomático entre uma e outra, não seguem isto, mas adaptam-se à obra do Espírito, que os tinha antecipado, descendo sobre os pagãos como sobre eles.

Portanto, eliminando quase todas as obrigações ligadas à Lei, comunicam as decisões finais, tomadas – e escrevem assim - «pelo Espírito Santo e por nós» (cf. At 15, 28) saiu esta, o Espírito Santo conosco, assim agem sempre os Apóstolos. Juntos, sem se dividir, não obstante as diferentes sensibilidades e opiniões, põem-se à escuta do Espírito. E Ele ensina algo, válido até hoje: cada tradição religiosa é útil, se facilitar o encontro com Jesus, cada tradição religiosa é útil se agilizar o encontro com Jesus. Poderíamos dizer que a decisão histórica do primeiro Concílio, do qual também nós nos beneficiamos, foi movida por um princípio, o *princípio do anúncio*: tudo na Igreja deve conformar-se com as exigências do anúncio do Evangelho; não com as opiniões dos conservadores ou dos progressistas, mas com o facto de que Jesus alcance a vida das pessoas. Por conseguinte, cada escolha, cada uso, cada estrutura e cada tradição devem ser avaliados na medida em que favorecerem o anúncio de Cristo. Quando se encontram decisões na Igreja, por exemplo, divisões ideológicas: “Sou conservador porque... sou progressista porque...”. Mas onde está o Espírito Santo? Estai atentos que o Evangelho não é uma ideia, o Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio que toca o coração e te faz mudar o coração, mas se tu te refugiares numa ideia, numa ideologia quer

de direita quer de esquerda quer de centro, estás a fazer do Evangelho um partido político, uma ideologia, um clube de pessoas. O Evangelho ofereceu sempre esta liberdade do Espírito que age em ti e te leva em frente. E quanto é necessário hoje pegar pela mão a liberdade do Evangelho e deixarmos levar em frente pelo Espírito.

Assim, o Espírito ilumina o caminho da Igreja, sempre. Com efeito, Ele não é apenas a luz do coração, é a luz que orienta a Igreja: ilumina, ajuda a distinguir, ajuda a discernir. Por isso, é necessário invocá-lo frequentemente; façamo-lo também hoje, no início da Quaresma. Pois, como Igreja, podemos ter tempos e espaços bem definidos, comunidades, institutos e movimentos bem organizados, mas sem o Espírito, tudo permanece sem alma. A organização não é suficiente: é o Espírito que dá vida à Igreja. Se não rezar a Ele e não o invocar, a Igreja fecha-se em si mesma, em debates estéreis e extenuantes, em polarizações desgastantes, enquanto a chama da missão se extingue. É muito triste ver a Igreja como se fosse um parlamento; não, a Igreja é outra coisa. A Igreja é a comunidade de homens e mulheres que acreditam e anunciam Jesus Cristo mas movidos pelo Espírito Sannão pelas próprias razões. Sim, usa-se a razão mas vem o Espírito que a ilumina e move. O Espírito faz-nos sair, impele-nos a anunciar a fé, impele-nos para nos confirmarmos na fé, a ir em missão para reencontrarmos quem somos. Por isso, o Apóstolo Paulo recomenda assim: «Não extingais o Espírito!» (1 Ts 5, 19), não extingais o Espírito. Oremos com frequência ao Espírito, invoquemo-lo, peçamos-lhe todos os dias que acenda em nós a sua luz. Façamo-lo antes de cada encontro, para nos tornarmos apóstolos de Jesus com as pessoas que encontrarmos. Não extingais o Espírito nas comunidades cristãs nem dentro de cada um de nós.

Caros irmãos e irmãs, como Igreja começemos e recomeçemos do Espírito Santo. «Sem dúvida, é importante que nas nossas programações pastorais começemos a partir das sondagens sociológicas, das análises, da lista de dificuldades, do elenco de expectativas e queixas. No entanto, é muito mais importante começar a partir das *experiências do Espírito*: eis o verdadeiro início. Portanto, é necessário procurá-las, enumerá-las, estudá-las, interpretá-las. Trata-se de um princípio fundamental que, na vida espiritual, é chamado *primado da consolação sobre a desolação*. Primeiro

há o Espírito que consola, reanima, ilumina, se move; depois, haverá também a desolação, o sofrimento, a escuridão, mas o princípio para se regular na obscuridade é *a luz do Espírito*» (C.M. MARTINI, *Evangelizzare nella consolazione dello Spirito*, 25 de Setembro de 1997). Este é o princípio para se regular nas coisas que não se compreendem, nas confusões, inclusive nas muitas escuridões, é importante. Procuremos interrogar-nos se nos abrimos a esta luz, se lhe damos espaço: invoco o Espírito? Cada um responda no próprio íntimo. Quantos de nós rezamos ao Espírito? “Não, padre, rezo a Nossa Senhora, rezo aos Santos, rezo a Jesus, mas às vezes, rezo o Pai-Nosso, rezo ao Pai” – “E ao Espírito? Tu não rezas ao Espírito, que é aquele que te faz mover o coração, que te leva em frente, te leva à consolação, leva em frente a tua vontade de evangelizar e de fazer missão?”. Deixo-vos esta pergunta: Rezo ao Espírito Santo? Deixo-me orientar por Ele, que me convida a não me fechar, mas a levar Jesus, a dar testemunho do primado da consolação de Deus sobre a desolação do mundo? Nossa Senhora que compreendeu este bem nos faça entender isto.

Quarta-feira, 8 de março de 2023

6. O Concílio Vaticano II

1. A evangelização como serviço eclesial

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Na última catequese vimos que o primeiro “concílio” na história da Igreja – concílio, como o do Vaticano II – o primeiro concílio, foi convocado em Jerusalém, para uma questão ligada à evangelização, ou seja, ao anúncio da Boa Nova aos não-judeus – pensava-se que só aos judeus se devia levar o anúncio do Evangelho. No século XX, o [Concílio Ecuménico Vaticano II](#) apresentou a Igreja como Povo de Deus peregrino no tempo e por *sua natureza missionário* (cf. Decr. *Ad gentes*, 2). O que significa isto? Existe como que uma ponte entre o primeiro e o último Concílio, no sinal da evangelização, uma ponte cujo arquiteto é o Espírito Santo. Hoje coloquemo-nos à escuta do Concílio Vaticano II, para descobrir que evangelizar é sempre um *serviço eclesial*, nunca solitário, jamais isolado nem individualista. A evangelização faz-se sempre *in ecclesia*, isto é, em comunidade e sem fazer proselitismo pois isto não é evangelização.

Com efeito, o evangelizador transmite sempre aquilo que ele mesmo ou ela mesma recebeu. Foi São Paulo que o escreveu primeiro: o evangelho que ele anunciava e que as comunidades recebiam e no qual permaneciam firmes é o mesmo que o Apóstolo, por sua vez, tinha recebido (cf. *1 Cor* 15, 1-3). Recebe-se a fé e transmite-se a fé. Este dinamismo eclesial de transmissão da Mensagem é vinculante e garante a autenticidade do anúncio cristão. O próprio Paulo escreve aos Gálatas: «Se alguém, nós ou um anjo do céu, vos anunciasse um evangelho diferente daquele que vos temos anunciado, que ele seja anátema» (1, 8). É bom isto e adequa-se a tantas visões que estão na moda...

Por isso, a dimensão eclesial da evangelização constitui um critério de verificação do zelo apostólico. Uma verificação necessária, porque a

tentação de proceder “solitariamente” está sempre à espreita, de modo especial quando o caminho se torna impérvio e sentimos o peso do compromisso. Igualmente perigosa é a tentação de seguir caminhos pseudo-eclesiais mais fáceis, de adotar a lógica mundana dos números e das sondagens, de confiar na força das nossas ideias, dos programas, das estruturas, das “relações que contam”. Isto não está bem, isto deve ajudar um pouco mas é fundamental a força que o Espírito te dá para anunciar a verdade de Jesus Cristo, para anunciar o Evangelho. Os outros aspectos são secundários.

Pois bem, irmãos e irmãs, coloquemo-nos mais directamente na escola do Concílio Vaticano II, relendo alguns números do Decreto *Ad gentes* (AG), o documento sobre a actividade missionária da Igreja. Estes textos do Vaticano II conservam plenamente o seu valor, até no nosso contexto complexo e plural.

Em primeiro lugar, este documento, *AG* convida-nos a considerar o amor de Deus Pai como uma fonte, que «nos cria livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois nos chama gratuitamente a partilhar a sua própria vida e glória. Esta é a nossa vocação. Ele quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também “tudo em todas as coisas” (1 Cor 15, 28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade» (n. 2). Esta passagem é fundamental, pois diz que o amor do Pai tem como destinatário *cada ser humano*. O amor de Deus não é apenas por um pequeno grupo, não... por todos. Colocai bem aquela palavra na cabeça e no coração: todos, todos, sem excluir ninguém, assim diz o Senhor. E este amor por cada ser humano é um amor que alcança cada homem e mulher através da missão de Jesus, medianeiro da salvação e nosso Redentor (cf. AG, 3), e mediante a missão do Espírito Santo (cf. AG, 4), o qual, Espírito Santo, age em cada um, tanto nos baptizados como nos não-baptizados. O Espírito Santo age!

Além disso, o Concílio recorda que a Igreja tem a tarefa de continuar a missão de Cristo, que foi «enviado a evangelizar os pobres; por isso – acrescenta o documento *Ad gentes* – a Igreja, movida pelo influxo do Espírito Santo, o Espírito de Cristo, deve seguir o mesmo caminho d’Ele: o

caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição» (AG, 5). Se permanecer fiel a este “caminho”, a missão da Igreja será «a manifestação, ou seja, a epifania e a realização dos desígnios de Deus no mundo e na história» (AG, 9).

Irmãos e irmãs, estas breves indicações ajudam-nos também a compreender o sentido eclesial do zelo apostólico de cada discípulo-missionário. O zelo apostólico não é um entusiasmo, é outra coisa, é uma graça de Deus, que devemos preservar. Devemos compreender o sentido porque no Povo de Deus peregrino e evangelizador não existem sujeitos activos e passivos. Não há os que pregam, os que anunciam o Evangelho num modo ou noutro, e os que estão calados. Não. «Cada baptizado – diz a *Evangelii gaudium* – qualquer que seja a sua função na Igreja e o grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização» (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 120). Tu és cristão? “Sim, recebi o Baptismo”... E tu evangelizas? “Mas o que significa isso...?” Se tu não evangelizares, se tu não testemunhares, se tu não deres aquele testemunho do Baptismo que recebeste, da fé que o Senhor te concedeu, tu não és um bom cristão. Em virtude do Baptismo recebido e da consequente incorporação na Igreja, cada baptizado participa na missão da Igreja e, nela, na missão de Cristo Rei, Sacerdote e Profeta. Irmãos e irmãs, esta tarefa «é uma e a mesma em toda a parte, sejam quais forem os condicionamentos, embora difira quanto ao exercício conforme as circunstâncias» (AG, 6). Isto convida-nos a não nos tornarmos escleróticos nem fossilizados; resgata-nos daquela inquietude que não é de Deus. O zelo missionário do crente manifesta-se também como busca criativa de novas maneiras de anunciar e testemunhar, de novos modos de encontrar a humanidade ferida que Cristo assumiu. Em síntese, de novas formas de servir o Evangelho e a humanidade. A evangelização é um serviço. Se alguém se disser evangelizador e não tiver aquela atitude, aquele coração de servo, e se se considerar patrão, não é um evangelizador, não... é um pobre diabo.

Voltar ao amor fontal do Pai e às missões do Filho e do Espírito Santo não nos fecha em espaços de tranquilidade pessoal estática. Pelo contrário, leva-nos a reconhecer a gratuidade do dom da plenitude de vida a que

somos chamados, dom pelo qual louvamos e damos graças a Deus. Este dom não é apenas para nós, mas é para o dar aos outros. E leva-nos também a viver cada vez mais plenamente o que recebemos partilhando-o com os outros, com sentido de responsabilidade e percorrendo juntos os caminhos, muitas vezes tortuosos e difíceis da história, na expectativa vigilante e laboriosa do seu cumprimento. Peçamos esta graça ao Senhor, pegar pela mão esta vocação cristã e dar graças ao Senhor por aquilo que nos concedeu, por este tesouro. E procurar comunicá-lo aos outros.

Quarta-feira, 15 de março de 2023

7. O Concílio Vaticano II.

2. Ser apóstolos em uma Igreja Apostólica

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuemos as catequeses sobre a paixão de evangelizar: não apenas sobre “evangelizar”, mas a paixão de evangelizar e, na escola do Concílio Vaticano II, procuremos compreender melhor o que significa ser “apóstolo” hoje. A palavra “apóstolo” traz-nos à mente o grupo dos Doze discípulos escolhidos por Jesus. Às vezes chamamos “apóstolo” a alguns santos ou, mais genericamente, aos Bispos: são apóstolos, pois vão em nome de Jesus. Mas estamos conscientes de que ser apóstolo se refere a cada cristão? Estamos cientes que se refere a cada um de nós? Com efeito, somos chamados a *ser apóstolos* – isto é *enviados* – numa Igreja que, no Credo, professamos como *apostólica*.

Por conseguinte, o que significa ser apóstolo? Significa ser enviado para uma missão. Exemplar e fundacional é o acontecimento em que Cristo Ressuscitado envia os seus apóstolos ao mundo, transmitindo-lhes o poder que Ele próprio recebeu do Pai e oferecendo-lhes o seu Espírito. No Evangelho de João lemos: «Jesus disse-lhes mais uma vez: “A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós”. Depois, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo!”» (20, 21-22).

Outro aspeto fundamental de ser apóstolo é a *vocação*, ou seja, a chamada. Foi assim desde o início, quando o Senhor Jesus «chamou a si os que Ele quis. E foram ter com Ele» (Mc 3, 13). Constituiu-os como grupo, atribuindo-lhes o título de “apóstolos”, para que permanecessem com Ele e para os enviar em missão (cf. *Mc* 3, 14; *Mt* 10, 1-42). Nas suas cartas, São Paulo apresenta-se assim: «Paulo, chamado a ser apóstolo», isto é *enviado*, (*1 Cor* 1, 1) e ainda:

«Paulo, servo de Jesus Cristo, apóstolo enviado por vocação, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (*Rm* 1, 1). E insiste que é «apóstolo não da parte de homens, nem por meio de algum homem, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai que o ressuscitou dos mortos» (*Gl* 1, 1); Deus chamou-o do seio da sua mãe para anunciar o evangelho entre os gentios (cf. *Gl* 1, 15-16).

A experiência dos Doze apóstolos e o testemunho de Paulo interpelam-nos também hoje. Convidam-nos a averiguar as nossas atitudes, a verificar as nossas escolhas, as nossas decisões, com base nestes pontos fixos: tudo depende de uma chamada gratuita de Deus; Deus escolhe-nos até para serviços que às vezes parecem exceder as nossas capacidades ou não corresponder às nossas expectativas; à chamada recebida como dom gratuito é preciso responder gratuitamente.

O Concílio diz: «A vocação cristã [...] é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado» (Decr. *Apostolicam actuositatem* [AA], 2). Trata-se de uma chamada que é comum, «assim como comum é a dignidade dos membros pela sua regeneração em Cristo, comum é a graça da adoção filial, comum é a vocação à perfeição; só existe uma salvação, uma esperança e uma caridade sem divisões» (*LG*, 32).

É uma chamada que diz respeito tanto aos que receberam o sacramento da Ordem, como às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, homens ou mulheres, é uma chamada a todos. Tu, o tesouro que recebeste com a tua vocação cristã, és obrigado a doá-lo: é a dinâmica da vocação, é a dinâmica da vida. Trata-se de uma chamada que habilita a desempenhar ativa e criativamente a sua tarefa apostólica, no seio de uma Igreja na qual «existe diversidade de funções, mas unidade de missão. Aos apóstolos e aos seus sucessores confiou Cristo a missão de ensinar, santificar e governar em seu nome e pelo seu poder. Mas os leigos: todos vós; a maioria de vós sois leigos. Também os leigos, dado que são participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão de todo o Povo de Deus, na Igreja e no mundo» (AA, 2).

Neste contexto, como entende o Concílio a colaboração do laicado com a hierarquia? Como o entende? Trata-se de uma mera adaptação estratégica às novas situações que surgem? De modo algum, não: há algo mais, que supera as contingências do momento e que retém um seu próprio valor também para nós. A Igreja é assim, é apostólica.

No âmbito da unidade da missão, a diversidade de carismas e ministérios não deve dar lugar, no seio do corpo eclesial, a categorias privilegiadas: aqui não há uma promoção, e quando tu concebes a vida cristã como uma promoção, isto é, aquele que está em cima comanda os outros porque conseguiu subir, isto não é cristianismo. Isto é paganismo puro. A vocação cristã não é uma promoção para subir, não! É outra questão. E há uma coisa grande porque, embora «por vontade de Cristo, alguns sejam constituídos num lugar talvez mais importante, doutores, dispensadores dos mistérios e pastores a favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os fiéis, em benefício da edificação do corpo de Cristo» (LG, 32). Quem tem mais dignidade, na Igreja: o bispo, o sacerdote? Não... todos somos cristãos ao serviço dos outros. Quem é mais importante, na Igreja: a religiosa ou a pessoa comum, batizada, a criança, o bispo...? Todos são iguais, somos iguais e quando uma das partes se considera mais importante do que os outros e levanta um pouco o nariz, erra. Não é essa a vocação de Jesus. A vocação que Jesus dá, a todos – mas inclusive a quantos parecem estar em postos mais altos – é o serviço, servir os outros, humilhar-te. Se encontrares uma pessoa que na Igreja tem uma vocação mais elevada e tu a vês vaidosa, dirás: “Pobrezinho”; reza por ele porque não entendeu o que é a vocação de Deus. A vocação de Deus é adoração ao Pai, amor à comunidade e serviço. Isto é ser apóstolo, este é o testemunho dos apóstolos.

A questão da igualdade em dignidade pede-nos que repensemos muitos aspetos das nossas relações, que são decisivas para a evangelização. Por exemplo, estamos conscientes de que, com as nossas palavras, podemos lesar a dignidade das pessoas, arruinando assim as relações dentro da Igreja? Enquanto procuramos dialogar com o mundo, também sabemos dialogar entre nós, crentes? Ou na paróquia um vai contra o outro, uma fala

mal do outro para subir mais? Sabemos ouvir para compreender as razões do outro, ou será que nos impomos, talvez até com palavras de cetim? Ouvir, humilhar-se, estar ao serviço dos outros: isto é servir, isto é ser cristão, isto é ser apóstolo.

Caros irmãos e irmãs, não tenhamos medo de nos interrogar com estas perguntas. Fugamos da vaidade, da vaidade dos postos. Estas palavras podem ajudar-nos a verificar o modo em que vivemos a nossa vocação batismal, como vivemos a nossa maneira de ser apóstolos numa Igreja apostólica, que está ao serviço dos outros.

Quarta-feira, 22 de março de 2023

8. O primeiro caminho de evangelização: o testemunho (*Evangelii nuntiandi*)

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje coloquemo-nos à escuta da “*magna carta*” da evangelização no mundo contemporâneo: a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, de São Paulo VI (EN, 8 de dezembro de 1975). É atual, foi escrita em 1975, mas é como se tivesse sido escrita ontem. A evangelização é mais do que uma simples transmissão doutrinal e moral. É em primeiro lugar *testemunho*: não se pode evangelizar sem testemunho; testemunho do encontro pessoal com Jesus Cristo, Verbo encarnado no qual a salvação se completou. Um testemunho indispensável porque, antes de mais nada, o mundo precisa de «evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar» (EN, 76). Não significa transmitir uma ideologia nem uma “doutrina” sobre Deus, não! Significa transmitir Deus, que se torna vida em mim: nisto consiste o testemunho; e também porque «o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas» (*ibid.*, 41). Portanto, o testemunho de Cristo é o primeiro meio de evangelização (cf. *ibid.*) e, ao mesmo tempo, condição essencial para a sua eficácia (cf. *ibid.*, 76), a fim de que o anúncio do Evangelho seja fecundo. Ser testemunha!

É necessário recordar que o testemunho abrange também a *fé professada*, ou seja, a adesão convicta e manifesta a Deus Pai e Filho e ao Espírito Santo, que nos criou e nos redimiou por amor. Uma fé que nos transforma, que transforma as nossas relações, os critérios e os valores que determinam as nossas escolhas. Por conseguinte, testemunhar não pode prescindir da coerência entre aquilo em que se acredita, o que se anuncia e o que se vive. Não somos credíveis apenas transmitindo uma doutrina ou uma ideologia, não! Uma pessoa é credível se houver harmonia entre aquilo em que acredita e o que vive. Muitos cristãos só dizem que acreditam, mas

vivem de outra coisa, como se não acreditassem. E isto é hipocrisia. O oposto do testemunho é a hipocrisia. Quantas vezes ouvimos: “Ah, ele que vai à Missa todos os domingos, e depois vive assim, assim, assim”: é verdade, é o contratestemunho.

Cada um de nós é chamado a responder a três perguntas fundamentais, assim formuladas por Paulo VI: “Acreditas no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives?” (cf. *ibid.*). Há harmonia: acreditas no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives? Não podemos contentar-nos com respostas fáceis, predefinidas. Somos chamados a aceitar até o risco desestabilizador da busca, confiando plenamente na ação do Espírito Santo que age em cada um de nós, impelindo-nos sempre mais além: além dos nossos confins, além das nossas barreiras, além dos nossos limites de qualquer tipo.

Neste sentido, o testemunho de uma vida cristã comporta um caminho de *santidade* assente no Batismo, que nos torna «participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos» (Constituição dogmática - *Lumen gentium*, 40). Uma santidade que não é reservada a poucos; que é dom de Deus e deve ser acolhido e feito frutificar para nós e para os outros. Nós, escolhidos e amados por Deus, devemos transmitir este amor aos outros. Paulo VI ensina que o *zelo pela evangelização brota da santidade*, nasce do coração repleto de Deus. Alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à Eucaristia, a evangelização, por sua vez, faz crescer em santidade quantos a levam a cabo (cf. *EN*, 76). Ao mesmo tempo, sem santidade, a palavra do evangelizador «difícilmente chegará ao coração do homem dos nossos tempos», mas «corre o risco de permanecer vã e infecunda» (*ibid.*).

Assim, devemos estar conscientes de que os destinatários da evangelização não são somente os outros, aqueles que professam outras crenças ou que não as professam, mas também nós próprios, crentes em Cristo e membros ativos do Povo de Deus. E devemos converter-nos todos os dias, aceitar a palavra de Deus e mudar de vida: todos os dias! É assim que se faz a evangelização do coração. Para dar este testemunho, até a Igreja enquanto tal deve começar pela evangelização de si mesma. Se a Igreja não se evangelizar, continuará a ser uma peça de museu. Ao

contrário, o que a atualiza continuamente é a evangelização de si própria. Tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. A Igreja, que é Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos – muitos – deve ouvir sempre o anúncio das obras de Deus. Em síntese, significa que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, deve seguir o Evangelho, rezar e sentir a força do Espírito que transforma o coração (cf. *EN*, 15).

Uma Igreja que se evangeliza para evangelizar é uma Igreja que, guiada pelo Espírito Santo, é chamada a percorrer um caminho exigente, uma senda de conversão, de renovação. Isto implica também a capacidade de mudar os modos de compreender e viver a sua presença evangelizadora na história, evitando refugiar-se nos âmbitos protegidos da lógica do “sempre se fez assim”. São refúgios que adoecem a Igreja. A Igreja deve ir em frente, deve crescer continuamente, e assim permanecerá jovem. Esta Igreja está inteiramente voltada para Deus, portanto participa no seu desígnio de salvação para a humanidade e, ao mesmo tempo, está totalmente voltada para a humanidade. A Igreja deve ser uma Igreja que se encontra dialogicamente com o mundo contemporâneo, que tece relações fraternas, que gera espaços de encontro, colocando em ação práticas de hospitalidade, de acolhimento, de reconhecimento e de integração do outro e da alteridade, e que cuida da casa comum que é a criação. Ou seja, uma Igreja que se encontra dialogicamente com o mundo contemporâneo, dialoga com o mundo contemporâneo, mas que se encontra com o Senhor todos os dias, dialoga com o Senhor e deixa entrar o Espírito Santo, que é o protagonista da evangelização. Sem o Espírito Santo, só poderíamos fazer publicidade da Igreja, não evangelizar. É o Espírito Santo em nós que nos impele à evangelização e esta é a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Caros irmãos e irmãs, renovo-vos o convite a ler e reler a *Evangelii nuntiandi*: digo-vos a verdade, leio-a frequentemente, porque é a obra-prima de São Paulo VI, é a herança que nos deixou para evangelizar.

Quarta-feira, 29 de março de 2023

9. Testemunhas: São Paulo. 1

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No caminho das catequeses sobre o zelo apostólico, começamos hoje a olhar para algumas figuras que, de modos e em tempos diversos, deram um testemunho exemplar do que significa a paixão pelo Evangelho. E a primeira testemunha, naturalmente, é o apóstolo Paulo. A ele, gostaria de dedicar duas catequeses.

A história de Paulo de Tarso é emblemática sobre este tema. No primeiro capítulo da Carta aos Gálatas, assim como na narração dos Atos dos Apóstolos, podemos relevar que o seu zelo pelo Evangelho aparece após a sua conversão, e toma o lugar do seu zelo anterior pelo judaísmo. Era um homem zeloso da lei de Moisés para o judaísmo e depois da conversão este zelo continua, mas para proclamar, para pregar Jesus Cristo. Paulo era um apaixonado por Jesus. Saulo - o primeiro nome de Paulo - já era zeloso, mas Cristo converte o seu zelo: da Lei para o Evangelho. O seu impulso primeiro queria destruir a Igreja, mas depois ao contrário edifica-a. Podemos perguntar-nos: o que aconteceu, como passou da destruição à construção? O que mudou em Paulo? Em que sentido o seu zelo, o seu impulso para a glória de Deus se transformou?

São Tomás de Aquino ensina que a paixão, sob o ponto de vista moral, não é boa nem má: o seu uso virtuoso torna-a moralmente boa, o pecado torna-a má [1]. No caso de Paulo, o que o mudou não foi uma mera ideia ou convicção: para Saulo, o encontro com o Senhor ressuscitado – não esqueçais isto, aquilo que muda uma vida é o encontro com o Senhor – transformou todo o seu ser. A humanidade de Paulo, a sua paixão por Deus e a sua glória não foi aniquilada, mas transformada, “convertida” pelo Espírito Santo. O único que pode mudar os nossos corações é o Espírito Santo. E o mesmo é válido para cada aspeto da sua vida. Precisamente como acontece na Eucaristia: o pão e o vinho não desaparecem, mas

tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo. O zelo de Paulo permanece, mas torna-se o zelo de Cristo. Muda o sentido mas o zelo é o mesmo. O Senhor é servido com a nossa humanidade, com as nossas prerrogativas e características, mas o que muda tudo não é uma ideia mas a verdadeira vida, como o próprio Paulo diz: «Se alguém está em Cristo, é uma criação; passou o que era velho; eis que tudo se fez novo» (2 Cor 5, 17). O encontro com Jesus Cristo muda-te a partir de dentro, faz de ti outra pessoa. Se alguém estiver em Cristo é uma nova criatura, este é o sentido de ser uma nova criatura. Tornar-se cristão não é uma maquiagem que te muda o rosto, não! Se fores cristão muda-te o coração mas se fores cristão de aparência, não está bem... cristão de maquiagem não serve. A verdadeira mudança é do coração. E isto aconteceu a Paulo.

A paixão pelo Evangelho não é uma questão de compreensão ou de estudos, que certamente são úteis, mas não a geram; significa antes passar por aquela mesma experiência de “queda e ressurreição” que Saulo/Paulo viveu e que está na origem da transfiguração do seu impulso apostólico. Podes estudar toda a teologia que quiseres, podes estudar a Bíblia e tudo o resto, mas seres ateu ou mundano, não é uma questão de estudos; na história existiram muitos teólogos ateus! Estudar é útil, mas não gera a nova vida da graça. De facto, como diz Santo Inácio de Loyola: «O muito saber não sacia nem satisfaz a alma, mas o sentir e o saborear as coisas internamente». [2] Trata-se das coisas que te mudam dentro, que te fazem conhecer outra coisa, saborear outra coisa. Cada um de nós pense nisto: “Sou um religioso?” – “Pois bem” – “Rezo?” – “sim” – “Procuro observar os mandamentos?” – “sim” – “Mas onde está Jesus na tua vida?” – “Ah, não faço as coisas que manda a Igreja”. Mas Jesus onde está? Encontraste Jesus, falaste com Jesus? Lê o Evangelho ou falas com Jesus, recordas quem é Jesus? E esta é uma coisa que nos falta muitas vezes. Quando Jesus entra na tua vida, como entrou na vida de Paulo, Jesus entra e muda tudo. Muitas vezes ouvimos comentários sobre as pessoas: “Mas olha aquele, que era um pobre coitado e agora é um homem bom, uma mulher bondosa... Quem o mudou? Jesus, encontrou Jesus. A tua vida que é cristã mudou? “Não, mais ou menos, sim...”. Se não entrar Jesus na tua vida ela não muda. Podes ser cristão só por fora. Não, Jesus deve entrar e isto muda-te e aconteceu a Paulo. É preciso encontrar Jesus e por isso Paulo dizia que o amor de Jesus

nos constrange, nos leva em frente. A mesma mudança aconteceu a todos os santos, que quando encontraram Jesus foram em frente.

Podemos fazer uma ulterior reflexão sobre a mudança que ocorreu em Paulo, o qual de perseguidor se tornou apóstolo de Cristo. Notemos que nele ocorre uma espécie de paradoxo: de facto, enquanto ele se considerar justo perante Deus, então sente-se autorizado a perseguir, a aprisionar, até a matar, como no caso de Estêvão; mas quando, iluminado pelo Senhor ressuscitado, descobre que foi “um blasfemador e um homem violento” (cf. *1 Tm* 1, 13), - assim diz de si mesmo: “fui um blasfemador e um violento” – então começa a ser verdadeiramente capaz de amar. Este é o caminho. Se um de nós disser: “Ah, obrigado Senhor, porque sou uma pessoa bondosa, pratico coisas boas, não cometo grandes pecados...”: este não é um bom caminho, é uma estrada de autossuficiência, é um caminho que não te justifica, faz de ti um católico elegante, mas um católico elegante não é um católico santo, é elegante. O católico verdadeiro, o cristão verdadeiro é aquele que recebe Jesus dentro, que muda o coração. Esta é a pergunta que faço a todos vós hoje: o que significa Jesus para mim? Deixei-o entrar no coração ou só o tenho ao alcance da mão mas que não venha muito dentro? Deixei-me mudar por Ele? Ou Jesus é apenas uma ideia, uma teologia que prossegue... E isto é o zelo, quando alguém encontra Jesus sente o fogo e como Paulo deve pregar Jesus, deve falar de Jesus, deve ajudar as pessoas, deve praticar o bem. Quando alguém encontra a ideia de Jesus permanece um ideólogo do cristianismo e isto não salva, só Jesus nos salva, se tu o encontraste e lhe abriste a porta do coração. A ideia de Jesus não te salva! O Senhor nos ajude a encontrar Jesus, a encontrar Jesus, e que Jesus a partir de dentro nos mude a vida e nos ajude a ajudar os outros.

Quarta-feira, 12 de abril de 2023

10. Testemunhas: São Paulo. 2

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter visto, há duas semanas, o impulso pessoal de São Paulo pelo Evangelho, hoje podemos refletir mais profundamente sobre o zelo evangélico à medida que ele mesmo fala e o descreve nalgumas das suas cartas.

Em virtude da própria experiência, Paulo não ignora o perigo de um zelo distorcido, orientado numa direção errada; ele próprio caiu neste perigo antes da providencial queda no caminho de Damasco. Por vezes temos de lidar com um zelo mal orientado, obstinado na observância de normas puramente humanas e obsoletas para a comunidade cristã. «O interesse – escreve o Apóstolo – que mostram por vós não é bom» (Gl 4, 17).

Não podemos ignorar a solicitude com que alguns se dedicam a ocupações erradas, inclusive na própria comunidade cristã; podemos gabar-nos de um falso impulso evangélico ao mesmo tempo que perseguimos a vanglória ou as próprias convicções ou um pouco de amor-próprio.

Por isso perguntemo-nos: quais são as características do verdadeiro zelo evangélico segundo Paulo? Por isso, parece ser útil texto que ouvimos no início, uma lista de “armas” que o Apóstolo indica para a batalha espiritual. Entre elas está a *prontidão para propagar o Evangelho*, traduzida por alguns como “zelo” - esta pessoa é um zelante na realização destas ideias, destas coisas -, e indicada como “calçado”. Porquê? Como se relaciona o impulso pelo Evangelho com o que se põe em pé? Esta metáfora retoma um texto do profeta Isaías, que diz: «Que formosos são, sobre os montes, / os pés do mensageiro que anuncia a paz, / que traz a boa nova, e que apregoa a vitória! / que diz a Sião: o teu Deus é Rei» (52, 7).

Também aqui encontramos referência aos pés de um anunciador de boas notícias. Porquê? Porque aquele que vai anunciar se deve mover, deve caminhar! Mas notamos também que Paulo, naquele texto, fala do calçado como parte de uma armadura, segundo a analogia do equipamento de um soldado que vai para a batalha: no combate, era fundamental ter estabilidade de apoio, para evitar as armadilhas do terreno, pois com frequência o adversário disseminava o campo de batalha com armadilhas, e ter a força para correr e mover-se na direção certa. Portanto, o calçado é para correr e evitar todas estas coisas do adversário.

O zelo evangélico é o apoio em que se baseia o anúncio, e os anunciadores são um pouco como os pés do corpo de Cristo que é a Igreja. Não há proclamação sem movimento, sem “saída”, sem iniciativa. Isto significa que não há cristão se não estiver em movimento, não se é cristão se não se sair de si mesmo para se pôr a caminho e levar o anúncio. Não há anúncio sem movimento, sem caminho. Não se anuncia o Evangelho parado, fechado num escritório, na escrivaninha ou no computador, fazendo polémicas como “leões do teclado” e substituindo a criatividade da proclamação com o copia-e-cola de ideias tiradas aqui e ali. Anuncia-se o Evangelho movendose, caminhando, indo.

O termo utilizado por Paulo, para indicar o calçado de quantos levam o Evangelho, é uma palavra grega que denota prontidão, preparação, alacridade. É o oposto de desleixo, incompatível com o amor. De facto, noutros lugares Paulo diz: «Sede diligentes, sem fraqueza, fervorosos de espírito, dedicados ao serviço do Senhor» (*Rm* 12, 11). Esta atitude era a exigida no Livro do Êxodo para celebrar o sacrifício da libertação pascal: «Quando o comerdes, tereis os rins cingidos, as sandálias nos pés e o bordão na mão. Comê-lo-eis apressadamente pois é a Páscoa do Senhor. Passarei nesta noite» (12, 11-12a).

Um anunciador está pronto para ir, e sabe que o Senhor passará de uma forma surpreendente; deve, portanto, estar livre de esquemas e preparado para uma ação inesperada e nova: preparado para as surpresas. Aquele que proclama o Evangelho não pode estar fossilizado em jaulas de plausibilidade ou no “sempre se fez assim”, mas está pronto a seguir uma

sabedoria que não é deste mundo, como diz Paulo falando de si: «A minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos persuasivos da sabedoria humana, mas na manifestação do Espírito e do poder divino, para que a vossa fé não se apoie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus» (1 Cor 2, 4-5).

Eis então, irmãos e irmãs: é importante ter esta prontidão para a novidade do Evangelho, esta atitude que é um impulso, uma tomada de iniciativa, um ir primeiro. É um não deixar escapar as oportunidades para promulgar o anúncio do Evangelho da paz, aquela paz que Cristo sabe dar mais e melhor do que o mundo. E por isso exorto-vos a serdes evangelizadores que se movem, sem temor, que vão em frente, para levar a beleza de Jesus, para levar a novidade de Jesus que muda tudo. “Sim, Padre, muda o calendário, porque agora contamos os anos antes de Jesus...”. – “Mas também, muda o coração: e estás disposto a deixar que Jesus mude o teu coração? Ou és um cristão tíbio, que não te moves? Pensa um pouco: és um entusiasta de Jesus, vais em frente? Pensa um pouco nisto...

Quarta-feira, 19 de abril de 2023

11. Testemunhas: os mártires

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Falando da evangelização e do zelo apostólico, depois de ter considerado o testemunho de São Paulo, verdadeiro “campeão” de zelo apostólico, hoje o nosso olhar dirige-se não para uma única figura, mas para o exército de *mártires*, homens e mulheres de todas as idades, línguas e nações, que deram a vida por Cristo, que derramaram o sangue para confessar Cristo. Depois da geração dos Apóstolos, foram eles por excelência as “testemunhas” do Evangelho. Os mártires: o primeiro foi o diácono Santo Estêvão, lapidado fora das muralhas de Jerusalém. A palavra “martírio” deriva do grego *martyria*, que significa precisamente *testemunho*. O mártir é uma testemunha, alguém que dá testemunho até derramar o sangue. No entanto, em breve o termo mártir passou a ser utilizado na Igreja para indicar quem dava testemunho até à efusão do sangue. [3] Ou seja, no início a palavra *martyria* indicava o testemunho dado todos os dias, mais tarde passou a ser usada para indicar quem dá a vida com a efusão.

Contudo, os mártires não devem ser vistos como “heróis” que agiram individualmente, como flores brotadas num deserto, mas como frutos maduros e excelentes da vinha do Senhor, que é a Igreja. Em particular, participando assiduamente na celebração da Eucaristia, os cristãos eram levados pelo Espírito a colocar a própria vida na base desse mistério de amor: ou seja, na constatação de que o Senhor Jesus *tinha dado a sua vida por eles* e, por conseguinte, também eles podiam e deviam *dar a vida por Ele e pelos irmãos*. Uma grande generosidade, o caminho do testemunho cristão. Santo Agostinho realça frequentemente esta dinâmica de gratidão e de reciprocidade gratuita do dom. Eis, por exemplo, o que ele pregava por ocasião da festa de São Lourenço: «São Lourenço era diácono da Igreja de Roma. Ali era ministro do sangue de Cristo e onde, pelo nome de Cristo, derramou o seu sangue. O beato apóstolo João expôs claramente o mistério

da Ceia do Senhor, dizendo: “Cristo deu a sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3, 16). Irmãos, Lourenço compreendeu tudo isto. Compreendeu-o e pô-lo em prática. E retribuiu verdadeiramente o que tinha recebido naquela mesa. Amou Cristo na sua vida, imitou-o na sua morte» (Disc. 304, 14; pl 38, 1395-1397). Era assim que Santo Agostinho explicava o dinamismo espiritual que animava os mártires. Com estas palavras: os mártires amam Cristo na sua vida e imitam-no na sua morte.

Caros irmãos e irmãs, hoje recordemos todos os mártires que acompanharam a vida da Igreja. Como eu já disse muitas vezes, eles *são mais numerosos no nosso tempo do que nos primeiros séculos*. Hoje há muitos mártires na Igreja, numerosos, porque por confessarem a fé cristã são expulsos da sociedade ou vão para a prisão... São tantos! O Concílio Vaticano II lembra-nos que «o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para a salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como dom insigne e prova suprema de caridade» (Const. *Lumen gentium*, 42). À imitação de Jesus e com a sua graça, os mártires transformam a violência de quem rejeita o anúncio, em ocasião suprema de amor, que vai até ao perdão dos próprios algozes. Isto é interessante: os mártires perdoam sempre os algozes. Estêvão, o primeiro mártir, morreu rezando: “Senhor, perdoa-lhes, não sabem o que fazem!”. Os mártires rezam pelos algozes.

Embora só alguns sejam chamados ao martírio «todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-lo no caminho da cruz no meio das perseguições, que nunca faltarão à Igreja» (*ibid.*, 42). Mas, a perseguição é algo daquela época? Não, não: de hoje. Hoje há perseguições de cristãos no mundo, muitas, tantas! Há mais mártires hoje do que nos primeiros tempos. Os mártires mostram-nos que cada cristão é chamado ao testemunho da vida, até quando não chega à efusão do sangue, fazendo de si mesmo um dom a Deus e aos irmãos, à imitação de Jesus.

E gostaria de concluir, recordando o testemunho cristão presente em todos os cantos do mundo. Penso, por exemplo, no Iémen, uma terra há muitos anos ferida por uma guerra terrível, esquecida, que causou tantos mortos e ainda hoje faz sofrer tantas pessoas, especialmente crianças. Precisamente nessa terra houve testemunhos resplandecentes de fé, como o das irmãs Missionárias da Caridade, que ali deram a vida. Ainda hoje elas estão presentes no Iémen, onde oferecem assistência a idosos enfermos e a pessoas portadoras de deficiência. Algumas delas sofreram o martírio, mas as demais continuam, arriscam a vida, mas vão em frente. Recebem todos, de qualquer religião, porque a caridade e a fraternidade não têm fronteiras. Em julho de 1998, a Irmã Aletta, a Irmã Zelia e a Irmã Michael, a caminho de casa depois da missa, foram mortas por um fanático porque eram cristãs. Mais recentemente, pouco depois do início do conflito ainda em curso, em março de 2016, a Irmã Anselm, a Irmã Marguerite, a Irmã Reginette e a Irmã Judith foram mortas com alguns leigos que as ajudavam na obra de caridade no meio dos últimos. São os mártires do nosso tempo. Entre estes leigos assassinados, além dos cristãos, havia muçulmanos que trabalhavam com as religiosas. É comovedor ver que o testemunho do sangue pode aproximar pessoas de diferentes religiões. Nunca se deve matar em nome de Deus, pois para Ele somos todos irmãos e irmãs. Mas juntos podemos dar a vida pelos outros.

Portanto, oremos para não nos cansarmos de dar testemunho do Evangelho até em tempos de tribulação. Que todos os santos e santas mártires sejam sementes de paz e de reconciliação entre os povos, por um mundo mais humano e fraterno, à espera que se manifeste plenamente o Reino dos céus, quando Deus será tudo em todos (cf. *1 Cor* 15, 28).

Quarta-feira, 26 de abril de 2023

12. Testemunhas: o monaquismo e a força da intercessão. Gregório de Narek

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuamos as catequeses sobre as testemunhas do zelo apostólico. Começamos por São Paulo e, da última vez, vimos os mártires, que anunciam Jesus com a vida, a ponto de a entregar por Ele e pelo Evangelho. Mas existe outro grande testemunho que atravessa a história da fé: o *das monjas e dos monges*, irmãs e irmãos que renunciam a si, renunciam ao mundo para imitar Jesus no caminho da pobreza, da castidade e da obediência e para interceder a favor de todos. A vida deles fala por si só, mas nós poderíamos perguntar-nos: como podem pessoas que vivem no mosteiro ajudar o anúncio do Evangelho? Não seria melhor que empregassem as suas energias na missão? Saindo do mosteiro e pregando o Evangelho fora do mosteiro? Na realidade, os monges são o coração pulsante do anúncio: a sua oração é oxigénio para todos os membros do Corpo de Cristo, a sua oração é a força invisível que sustenta a missão. Não é por acaso que a padroeira das missões é uma monja, Santa Teresa do Menino Jesus. Ouçamos como descobriu a sua vocação, escreveu o seguinte: «Compreendi que a Igreja tem um coração, um coração abrasado pelo amor. Entendi que só o amor impele os membros da Igreja à ação e que, quando este amor se apaga, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires já não derramariam o seu sangue. Compreendi e descobri que o amor abarca em si todas as vocações [...]. Então, com imensa alegria e êxtase de alma, clamei: Ó Jesus, meu amor, finalmente encontrei a minha vocação. A minha vocação é o amor. [...] No coração da Igreja, minha mãe, serei o amor» (*Manuscrito autobiográfico "B"*, 8 de setembro de 1896). Os contemplativos, os monges, as monjas: pessoas que rezam, trabalham, oram em silêncio, por toda a Igreja. E este é o amor: é o amor que se exprime orando pela Igreja, trabalhando pela Igreja, nos mosteiros.

Este amor por todos anima a vida dos monges e traduz-se na sua oração de intercessão. A tal respeito, gostaria de vos citar como exemplo São Gregório de Narek, Doutor da Igreja. É um monge arménio, que viveu por volta do ano 1000 e nos deixou um livro de orações, no qual foi derramada a fé do povo arménio, o primeiro que abraçou o cristianismo; um povo que, apegado à cruz de Cristo, sofreu muito ao longo da história. São Gregório passou quase toda a sua vida no mosteiro de Narek. Ali aprendeu a perscrutar as profundezas da alma humana e, fundindo poesia e oração, alcançou o auge tanto da literatura como da espiritualidade arménia. O aspeto que mais impressiona nele é exatamente a *solidariedade universal* da qual é intérprete. E entre os monges e as monjas há uma solidariedade universal: aconteça o que acontecer no mundo, encontra lugar no coração deles e rezam. O coração dos monges e das monjas é um coração que recebe como uma antena, capta o que acontece no mundo e reza e intercede por isso. Assim vivem em união com o Senhor e com todos. E São Gregório de Narek escreve: «Tomei voluntariamente sobre mim todas as faltas, desde as do primeiro pai até àquela do último dos seus descendentes» (*Livro das Lamentações*, 72). E como fez Jesus os monges assumem sobre si os problemas do mundo, as dificuldades, as doenças, muitas coisas e rezam pelos outros. Estes são os grandes evangelizadores. Porque é que os mosteiros vivem fechados e evangelizam? Porque com a palavra, o exemplo, a intercessão e o trabalho diário, os monges são uma ponte de intercessão para todas as pessoas e para os pecados. Eles choram também com as lágrimas, choram pelos seus pecados – todos somos pecadores – e choram também pelos pecados do mundo, e oram e intercedem com as mãos e o coração ao alto. Pensemos um pouco nesta – permito-me a palavra – “reserva” que temos na Igreja: são a verdadeira força, a força autêntica que leva em frente o povo de Deus e disto tem origem o hábito que as pessoas têm – o povo de Deus – quando se encontra com um consagrado, uma consagrada, de dizer: “Reza por mim, ora por mim”, poi sabem que há uma oração de intercessão. Far-nos-á bem – na medida em que podermos – visitar algum mosteiro, porque lá se reza e se trabalha. Cada um tem a própria regra, mas as mãos estão sempre ocupadas: ocupadas com o trabalho, ocupadas com a oração. Que o Senhor nos conceda novos mosteiros, monges e monjas que levem em frente a Igreja com a sua intercessão. Obrigado.

Quarta-feira, 17 de maio de 2023

13. Testemunhas: São Francisco Xavier

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Prosseguindo o nosso itinerário das Catequeses com alguns modelos exemplares de zelo apostólico... recordemos que estamos a falar de evangelização, de zelo apostólico, de anunciar o nome de Jesus, e há muitas mulheres e homens na história que o fizeram de forma exemplar.

Hoje, por exemplo, escolhemos, São Francisco Xavier: que é considerado, dizem alguns, o maior missionário dos tempos modernos. Mas não se pode dizer quem é o maior, quem é o menor, porque há tantos missionários escondidos que ainda hoje fazem muito mais do que São Francisco Xavier. E Xavier é o padroeiro das missões, como Santa Teresa do Menino Jesus. Mas um missionário é grande quando vai. E há muitos, muitos, sacerdotes, leigos, religiosas, que vão para as missões, inclusive da Itália e muitos de vós. Vejo, por exemplo, quando me apresentam a história de um sacerdote como candidato ao episcopado: passou dez anos na missão em tal lugar... isto é ótimo: sair da pátria para anunciar o Evangelho. É o zelo apostólico. Devemos cultivar muito isto. E olhando para a figura destes homens, destas mulheres, aprendemos.

E São Francisco Xavier nasce numa família nobre mas pobre, de Navarra, no norte da Espanha, em 1506. Vai estudar em Paris – é um jovem mundano, inteligente, capaz. Lá encontra Inácio de Loyola, com quem faz os exercícios espirituais e muda de vida. Ele deixa toda a sua carreira mundana para se tornar missionário. Torna-se jesuíta, emite os votos. Depois torna-se sacerdote e vai evangelizar, enviado para o Oriente. Naquele tempo as viagens dos missionários ao Oriente eram um envio rumo a mundos desconhecidos. Ele vai porque está cheio de zelo apostólico.

Parte assim o primeiro de um numeroso exército de missionários apaixonados dos tempos modernos, prontos a suportar dificuldades e

perigos imensos, a chegar a terras e a encontrar povos de culturas e línguas totalmente desconhecidas, impelidos unicamente pelo fortíssimo desejo de dar a conhecer Jesus Cristo e o seu Evangelho.

Em pouco mais de onze anos, realizará uma obra extraordinária. Foi missionário durante onze anos mais ou menos. Naquela época, as viagens de navio eram deveras árduas e perigosas. Muitos morriam durante a viagem, devido a naufrágios ou doenças. Hoje, infelizmente morrem porque os deixamos morrer no Mediterrâneo... Francisco Xavier passa nas naus mais de três anos e meio, um terço de toda a duração da sua missão. Ele passou mais de três anos e meio nos navios para ir à Índia, depois da Índia ao Japão.

Quando chega a Goa, na Índia, capital do Oriente português, a capital cultural e também comercial, Francisco Xavier estabelece lá a sua base, mas não permanece lá. Vai evangelizar os pescadores pobres da costa meridional da Índia, ensinando o catecismo e orações às crianças, baptizando e curando os enfermos. Depois, durante uma prece noturna diante do túmulo do apóstolo São Bartolomeu, sente que deve ir além da Índia. Deixa em boas mãos a obra já encetada e zarpa corajosamente para as Molucas, as ilhas mais longínquas do arquipélago indonésio. Para estas pessoas não existiam horizontes, elas iam além... Que coragem tinham estes santos missionários! Também os de hoje, embora não viajem em navios por três meses, vão de avião por 24 horas mas depois lá é o mesmo. Devem ir lá. E fazer muitos quilómetros, entrar nas florestas. E Xavier, nas Molucas, põe o catecismo em versos na língua local e ensina a entoar o catecismo, pois com o canto aprende-se melhor. Quais são os seus sentimentos, sabemos-lo através das suas missivas. Escreve: «Os perigos e os sofrimentos, aceites voluntária e unicamente por amor e serviço a Deus nosso Senhor, são tesouros ricos de grandes consolações espirituais. Aqui, em poucos anos, poder-se-ia perder os olhos pelas demasiadas lágrimas de alegria!» (20 de Janeiro de 1548). Chorava de alegria ao ver a obra do Senhor.

Um dia, na Índia, encontra um japonês que lhe fala do seu país distante, onde ainda não tinha ido nenhum missionário europeu. Francisco Xavier tinha a inquietação do apóstolo, de ir além, e decide partir o mais depressa

possível e chega ali após uma viagem aventureira no junco de um chinês. Os três anos no Japão são muito árduos, devido ao clima, às oposições e ao desconhecimento da língua, mas também ali as sementes plantadas darão frutos abundantes.

O grande sonhador, Xavier, no Japão compreende que o país decisivo para a missão na Ásia era outro: a China. Com a sua cultura, história e grandeza, exercia efectivamente um predomínio sobre aquela parte do mundo. Também hoje a China é precisamente um polo cultural, com uma grande história, uma história belíssima. Por isso, regressa a Goa e pouco depois volta a embarcar-se, na esperança de poder entrar na China. Mas o seu plano falha: ele morre às portas da China, numa ilha, a pequena ilha de Sanchoão, no litoral chinês na vã espera de poder desembarcar em terra firme, perto de Cantão. A 3 de Dezembro de 1552, morre em total abandono, só há um chinês ao seu lado para vigiar sobre ele. Assim termina a viagem terrena de Francisco Xavier. Tinha envelhecido, quantos anos tinha? Oitenta? Não... Tinha apenas quarenta e seis anos, dedicou a vida à missão, com o zelo. Parte da Espanha culta e chega ao país mais culto do mundo naquela época, a China, e morre diante da grande China, acompanhado por um chinês. Tudo um símbolo!

A sua actividade extremamente intensa estava sempre vinculada à oração, à união mística e contemplativa com Deus. Nunca deixou a oração pois sabia que nela estava a força. Onde quer que se encontrasse, tinha grande cuidado com os doentes, os pobres e as crianças. Não era um missionário “aristocrático”: ia sempre com os mais necessitados, as crianças que estavam mais necessitadas de instrução, de catequese, os pobres, os doentes: ia precisamente às fronteiras da assistência onde cresceu em grandeza. O amor de Cristo foi a força que o impeliu até às fronteiras mais distantes, com fadigas e perigos contínuos, superando reveses, desilusões e desânimos, aliás, dando-lhe consolação e alegria no seu seguimento e serviço até ao fim.

São Francisco Xavier, que realizou este empreendimento grandioso, em tanta pobreza e com tanta coragem, nos conceda um pouco deste zelo, deste zelo para viver o Evangelho e anunciar o Evangelho. Aos muitos jovens de

hoje que têm alguma inquietação e não sabem o que fazer com essa inquietação, digo: olhai para Francisco Xavier, olhai para o horizonte do mundo, olhai para os povos tão necessitados, olhai para as muitas pessoas que sofrem, tanta gente que precisa de Jesus. E ide, tende coragem. Também hoje há jovens corajosos. Penso em tantos missionários, por exemplo na Papua-Nova Guiné, penso nos meus amigos, jovens, que estão na diocese de Vanimo, e em todos aqueles que foram evangelizar na esteira de Francisco Xavier. Que o Senhor nos conceda a todos a alegria de evangelizar, a alegria de levar por diante esta mensagem tão bonita que nos faz felizes, e a todos.

Quarta-feira, 24 de maio de 2023

14. Testemunhas: Santo André Kim Taegon

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Nesta série de catequeses coloquemo-nos na escola de alguns Santos e Santas que, como testemunhas exemplares, nos ensinam o zelo apostólico. Recordemos que estamos a falar do zelo apostólico, aquele que devemos ter para anunciar o Evangelho.

Um grande exemplo de Santo da paixão pela evangelização, vamos encontrá-lo hoje numa terra muito distante, ou seja, na Igreja coreana. Olhemos para o mártir e primeiro sacerdote coreano, Santo André Kim Taegon. Mas a evangelização da Coreia foi feita pelos leigos. Foram os leigos batizados que transmitiram a fé, não eram sacerdotes, pois não os tinham; vieram mais tarde, portanto a primeira evangelização foi feita pelos leigos. Seremos capazes de algo do género? Pensemos nisto: é interessante. E este é um dos primeiros sacerdotes, Santo André. A sua vida foi e permanece um eloquente testemunho de zelo pelo anúncio do Evangelho.

Há cerca de 200 anos, o território coreano foi teatro de uma perseguição muito severa: os cristãos eram perseguidos e aniquilados. Na Coreia daquela época, acreditar em Jesus Cristo significava estar pronto a dar testemunho até à morte. Em particular, o exemplo de Santo André Kim podemos obtê-lo de dois aspetos concretos da sua vida.

O primeiro é o modo como tinha que usar para se encontrar com os fiéis. Considerando o contexto altamente intimidatório, o Santo era obrigado a aproximar-se dos cristãos de maneira não evidente e sempre na presença de outras pessoas, como se se conhecessem há tempos. Então, para identificar a identidade cristã do seu interlocutor, Santo André recorria a estes expedientes: em primeiro lugar, havia um sinal de reconhecimento previamente combinado: tu encontrar-te-ás com este cristão e ele terá este sinal na roupa ou na mão; em seguida, às escondidas, ele fazia esta

pergunta, mas em voz baixa: "És discípulo de Jesus?". Dado que havia outras pessoas que assistiam à conversa, o Santo devia falar em voz baixa, pronunciando apenas algumas palavras, as mais essenciais. Portanto, para André Kim, a expressão que resumia toda a identidade do cristão era "discípulo de Cristo". "És discípulo de Cristo?", mas em voz baixa porque era perigoso. Era proibido ser cristão.

Com efeito, ser discípulo do Senhor significa segui-lo, seguir o seu caminho, e o cristão é por sua natureza alguém que prega e dá testemunho de Jesus. Cada comunidade cristã recebe esta identidade do Espírito Santo, assim como a Igreja inteira, a partir do dia de Pentecostes (cf. Conc. Vat. II, Decr. *Ad gentes*, 2). É deste Espírito que recebemos, nasce a paixão, a paixão pela evangelização, este zelo apostólico grande: é um dom do Espírito. E embora o contexto ao redor não seja favorável, como era o coreano de André Kim, a paixão não muda, aliás, torna-se ainda mais valiosa. Santo André Kim e os outros fiéis coreanos demonstraram que o testemunho do Evangelho oferecido em tempos de perseguição pode dar muitos frutos para a fé.

Vejamos agora um segundo exemplo concreto. Quando ainda era seminarista, Santo André devia encontrar uma maneira de acolher secretamente os missionários provenientes do estrangeiro. Não se tratava de uma tarefa fácil, pois o regime daquela época proibia rigorosamente a entrada de todos os estrangeiros no território. Por isso foi – antes disto – tão difícil encontrar um sacerdote que viesse *missionar*: a missão foi realizada pelos leigos. Certa vez – pensai no que fez Santo André – certa vez ele caminhou na neve, sem comer, durante tanto tempo a ponto de cair exausto no chão, correndo o risco de perder os sentidos e de permanecer ali congelado. Naquele momento, de repente, ouviu uma voz: "Levanta-te, caminha!". Ao ouvir aquela voz, André acordou, vendo uma espécie de sombra de alguém que o guiava.

Esta experiência da grande testemunha coreana faz-nos compreender um aspeto muito importante do zelo apostólico. Ou seja, a coragem de se levantar quando se cai. Mas os santos caem? Sim! Desde os primeiros tempos: pensai em São Pedro: cometeu um grande pecado, mas teve a força

na misericórdia de Deus e levantou-se. E em Santo André vemos esta força: ele caiu fisicamente, mas teve a força de ir, ir, ir para levar a mensagem em frente. Por mais difícil que possa ser a situação, aliás, às vezes parece não deixar espaço à mensagem evangélica, não devemos desistir nem podemos deixar de levar em frente o que é essencial na nossa vida cristã, isto é, a evangelização. Esta é a estrada. E cada um de nós pode pensar: "Mas eu, como posso evangelizar?". Olha para estes grandes e pensa nas tuas possibilidades, pensemos nas nossas capacidades: evangelizar a família, evangelizar os amigos, falar de Jesus, mas falar de Jesus e evangelizar com o coração cheio de alegria, pleno de força. Esta é dada pelo Espírito Santo. Preparemo-nos para receber o Espírito Santo no próximo Pentecostes e peçamos-lhe aquela graça, a graça da coragem apostólica, a graça de evangelizar, de levar em frente sempre a mensagem de Jesus.

Quarta-feira, 31 de maio de 2023

15. Testemunhas: Pe. Matteo Ricci

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Prosseguimos as catequeses falando sobre o zelo apostólico, isto é, aquele que o cristão sente para levar por diante o anúncio de Jesus Cristo. Hoje gostaria de vos apresentar outro grande exemplo de zelo apostólico: falamos de São Francisco Xavier, de São Paulo, o zelo apostólico dos grandes zelosos; hoje falaremos de um – italiano – mas que foi à China: Matteo Ricci.

Natural de Macerata, na região das Marcas, depois de ter estudado nas escolas dos jesuítas e de ter entrado na Companhia de Jesus, entusiasmado com os relatos que ouvia dos missionários entusiasmou-se, como muitos outros jovens, que sentiam o mesmo, pediu para ser enviado para as missões do Extremo Oriente. Depois da tentativa de Francisco Xavier, mais vinte e cinco jesuítas tinham procurado, sem sucesso, entrar na China. Mas Ricci e um dos seus confrades prepararam-se muito bem, estudando cuidadosamente a língua e os costumes chineses, e no final conseguiram estabelecer-se no sul do país. Foram necessários dezoito anos, com etapas em quatro cidades diferentes, antes de chegar a Pequim, que era o centro. Com constância e paciência, animado por uma fé inabalável, Matteo Ricci conseguiu superar dificuldades, perigos, desconfianças e oposições. Pensai naquele tempo, caminhar ou ir a cavalo, quantas distâncias... e ele ia em frente. Mas qual foi o segredo de Matteo Ricci? Por qual estrada o impeliu o zelo?

Ele seguiu sempre o caminho do diálogo e da amizade com todas as pessoas que encontrou, e isto abriu-lhe muitas portas para o anúncio da fé cristã. A sua primeira obra em língua chinesa foi precisamente um tratado Sobre a amizade, que teve grande ressonância. Para se integrar na cultura e na vida chinesas, num primeiro período vestia-se como os bonzos budistas, o costume do país, mas depois compreendeu que a melhor maneira era

assumir o estilo de vida e os trajes dos eruditos, como os professores universitários, os eruditos vestiam-se: e ele vestia-se assim. Estudou profundamente os seus textos clássicos, a fim de poder apresentar o cristianismo em diálogo positivo com a sua sabedoria confucionista e os usos e costumes da sociedade chinesa. E isto chama-se uma atitude de inculturação. Este missionário soube “inculturar” a fé cristã em diálogo como os Padres antigos com a cultura grega.

A sua excelente preparação científica suscitava o interesse e a admiração dos homens cultos, a começar pelo seu famoso mapa-múndi, o mapa de todo o mundo então conhecido, com os diferentes continentes, que revela aos chineses, pela primeira vez, uma realidade fora da China muito mais vasta do que pensavam. Mostra-lhes que o mundo é maior do que a China, e eles compreendem – pois eram inteligentes. Mas também os conhecimentos matemáticos e astronómicos de Ricci e dos seus seguidores missionários contribuíram para um encontro fecundo entre a cultura e a ciência do Ocidente e do Oriente, que então viverá uma das suas épocas mais felizes, no sinal do diálogo e da amizade. Com efeito, a obra de Matteo Ricci nunca teria sido possível sem a colaboração dos seus grandes amigos chineses, como os famosos “Doutor Paulo” (Xu Guangqi) e o “Doutor Leão” (Li Zhizao).

No entanto, a fama de Ricci como homem de ciência não deve obscurecer a motivação mais profunda de todos os seus esforços: isto é, o anúncio do Evangelho. Ele, com o diálogo científico, com os cientistas, ia em frente, mas dava testemunho da própria fé, do Evangelho. A credibilidade obtida mediante o diálogo científico conferia-lhe autoridade para propor a verdade da fé e da moral cristã, que ele debate de modo aprofundado nas suas principais obras chinesas, como *O verdadeiro significado do Senhor do Céu* – este é o nome daquele livro. Além da doutrina, são o seu testemunho de vida religiosa, de virtude e de oração: estes missionários rezavam. Iam rezar, moviam-se, tomavam iniciativas políticas, tudo: mas rezavam. É a oração que alimenta a vida missionária, uma vida de caridade, ajudavam os outros, humildes, com total desinteresse por honras e riquezas que levam muitos dos seus discípulos e amigos chineses a aceitar a fé católica. Porque viam um homem tão inteligente, tão

sábio, tão esperto – no sentido bom da palavra – para levar as coisas em frente e tão crente que diziam: “Mas, o que prega é verdade pois é dito por uma personalidade que dá testemunho: testemunha com a própria vida o que anuncia”. Esta é a coerência dos evangelizadores. E isto cabe a todos nós cristãos que somos evangelizadores. Posso recitar o “Credo” de cor, posso dizer todas as coisas que cremos, mas se a minha vida não for coerente com o que professo não serve para nada. O que atrai as pessoas é o testemunho de coerência: nós cristãos somos chamados a viver o que dizemos, e não fingir que se vive como cristãos e viver como mundano. Olhai para este grande missionário – como Matteo Ricci que é italiano – olhando para estes grandes missionários, vereis que a maior força é a coerência: são coerentes.

Nos últimos dias da sua vida, a quantos estavam mais próximos dele e lhe perguntavam como se sentia, Matteo Ricci «respondia que naquele momento pensava se eram maiores a alegria e o regozijo que sentia interiormente, com a ideia de estar prestes a empreender a sua viagem para ir pregar Deus, ou a tristeza que lhe poderia causar deixar os seus companheiros de toda a missão que tanto amava, e o serviço que ainda podia prestar a Deus Nosso Senhor nesta missão» (S. DE URSIS, *Relazione su M. Ricci*, Archivio Storico Romano S.I.). Trata-se da mesma atitude do apóstolo Paulo (cf. Fl 1, 22-24), que desejava ir para o Senhor, encontrar o Senhor, mas dizia: “permaneço para vos servir”.

Matteo Ricci faleceu em Pequim, em 1610, com 57 anos, um homem que dedicou toda a vida à missão. O espírito missionário de Matteo Ricci constitui um modelo vivo atual. O seu amor pelo povo chinês é um modelo; mas o que representa uma estrada atual é a sua coerência de vida, o testemunho da sua vida como cristão. Ele levou o cristianismo à China; ele é grande porque é um grande cientista, ele é grande porque é corajoso, ele é grande porque escreveu muitos livros, mas sobretudo é grande porque foi coerente com a sua vocação, coerente com aquela vontade de seguir Jesus Cristo. Irmãos e irmãs, hoje nós, cada um de nós, perguntemo-nos no íntimo: “Sou coerente, ou sou um pouco assim-assim?”.

Quarta-feira, 7 de junho de 2023

1. Santa Teresa do Menino Jesus, Padroeira das Missões

Estimados irmãos e irmãs Bem-vindos, bom dia!

Estão aqui diante de nós as relíquias de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira universal das missões. É bom que isto aconteça no momento em que estamos a refletir sobre a paixão pela evangelização, sobre o zelo apostólico. Portanto, hoje deixemo-nos ajudar pelo testemunho de Santa Teresa. Ela nasceu há 150 anos e, por ocasião deste aniversário, tenciono dedicar-lhe uma Carta Apostólica.

É a padroeira das missões, mas nunca esteve em missão: como se explica isto? Era uma monja carmelita e a sua vida foi marcada pela pequenez e pela fragilidade: ela definia-se “um pequeno grão de areia”. De saúde frágil, morreu com apenas 24 anos. Mas se o seu corpo estava doente, o seu coração era vibrante, era missionário. No seu “diário” conta que ser missionária era o seu desejo e que queria sê-lo não apenas durante alguns anos, mas por toda a vida, aliás até ao fim do mundo. Teresa foi “irmã espiritual” de vários missionários: do mosteiro acompanhava-os com as suas cartas, as suas orações e oferecendo sacrifícios contínuos por eles. Sem aparecer, intercedia pelas missões, como um motor que, escondido, dá a um veículo a força para ir em frente. No entanto, muitas vezes era incompreendida pelas suas irmãs monjas: teve delas “mais espinhos do que rosas”, mas aceitava tudo com amor, com paciência, oferecendo, juntamente com a sua doença, também os julgamentos e as incompreensões. E fê-lo com alegria, fê-lo pelas necessidades da Igreja, para que, como dizia, se espalhassem “rosas sobre todos”, especialmente sobre os mais afastados.

Mas agora, questiono-me, podemos perguntar-nos de onde vem todo este zelo, esta força missionária e esta alegria de interceder? Dois episódios que aconteceram antes da entrada de Teresa no mosteiro ajudam-nos a compreender melhor. O primeiro diz respeito ao dia que mudou a sua vida, o Natal de 1886, quando Deus fez um milagre no seu coração. Teresa teria

completado 14 anos. Sendo a filha mais nova, em casa era mimada por todos, mas não “mal crescida”. Quando regressa da missa da meia-noite, o pai, muito cansado, não tinha vontade de assistir à abertura das prendas da filha e disse: «Ainda bem que é o último ano!» pois com 15 anos já não se fazia mais. Teresa, de natureza muito sensível e de lágrimas fáceis, fica magoada, vai para o seu quarto e chora. Mas rapidamente reprime as lágrimas, desce e, cheia de alegria, anima o pai. O que aconteceu? Que naquela noite, em que Jesus se tinha feito débil por amor, ela se tinha tornado forte de espírito – um verdadeiro milagre: em poucos instantes, tinha saído da prisão do seu egoísmo e da sua autocomiseração; começou a sentir que “a caridade lhe entrava no coração, com a necessidade de se esquecer de si mesma” (cf. *Manuscrito A*, 133-134). A partir de então, dirigiu o seu zelo para os outros, para que encontrassem Deus, e em vez de procurar consolar-se a si mesma, pôs-se a «consolar Jesus, [para] torná-lo amado pelas almas», porque - anotou Teresa, «Jesus está doente de amor e [...] a doença do amor não pode ser curada senão pelo amor» (*Carta a Marie Guérin*, julho de 1890). Eis então o objetivo do seu dia a dia: «fazer amar Jesus» (*Carta a Céline*, 15 de outubro de 1889), interceder a fim de que outros o amassem. Escreveu: «Gostaria de salvar almas e de me esquecer de mim mesma por elas: gostaria de as salvar inclusive depois da minha morte» (*Carta ao Padre Roullan*, 19 de março de 1897). Várias vezes disse: «Passarei o meu céu a fazer o bem na terra». Este é o primeiro episódio que lhe mudou a vida aos 14 anos.

E este seu zelo era dirigido sobretudo aos pecadores, aos “distantes”. O segundo episódio revela isto. Teresa toma conhecimento de um criminoso condenado à morte por delitos horríveis, chamava-se Enrico Pranzini – ela escreveu o nome: considerado culpado do assassínio brutal de três pessoas, está destinado à guilhotina, mas não quer receber os confortos da fé. Teresa leva-o a peito e faz tudo o que pode: reza de todas as maneiras pela sua conversão, para que ele, a quem com compaixão fraterna chama «o pobre diabo do Pranzini», possa ter um pequeno sinal de arrependimento e dar lugar à misericórdia de Deus, em quem Teresa confia cegamente. A execução tem lugar. No dia seguinte, Teresa lê no jornal que Pranzini, pouco antes de apoiar a cabeça no cadafalso, «de repente, tomado por uma súbita inspiração, volta-se, pega no Crucifixo que o sacerdote lhe

apresentava e beija três vezes as sagradas chagas» de Jesus. A santa comenta: «Então a sua alma foi receber a sentença misericordiosa d’Aquele que declarou que no Céu haverá mais alegria por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência!» (*Manuscrito A*, 135).

Irmãos e irmãs, eis o poder de intercessão movido pela caridade, eis o motor da missão. Com efeito os missionários, dos quais Teresa é padroeira, não são apenas aqueles que vão longe, aprendem novas línguas, fazem boas obras e são bons anunciadores; não, missionário é também todo aquele que vive, onde está, como instrumento do amor de Deus; que faz tudo para que, através do seu testemunho, da sua oração, da sua intercessão, *Jesus passe*. Este é o zelo apostólico que, recordemos sempre, nunca se realiza por proselitismo – nunca! – ou por constrição – nunca – mas *por atração*: a fé nasce por atração, não nos tornamos cristãos por sermos forçados por alguém, não, mas por sermos tocados pelo amor. A Igreja, perante tantos meios, métodos e estruturas, que por vezes desviam do essencial, precisa de corações como o de Teresa, corações que atraem pelo amor e nos aproximam de Deus. E peçamos à santa – temos as relíquias aqui – peçamos à santa a graça de vencer o nosso egoísmo e peçamos a paixão de interceder a fim de que esta atração seja maior nas pessoas e para que Jesus seja conhecido e amado.

Quarta-feira, 28 de junho de 2023

17. Santa Mary Mackillop

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, com este calor, devemos ser um pouco pacientes! Obrigado por terdes vindo com este calor, com este sol, muito obrigado pela vossa visita!

Nesta série de catequeses sobre o zelo apostólico, encontramos algumas figuras exemplares de homens e mulheres de todos os tempos e lugares, que deram a vida pelo Evangelho. Hoje vamos para longe, para a Oceânia, um continente constituído por numerosas ilhas, grandes e pequenas. A fé em Cristo, que tantos emigrantes europeus levaram para aquelas terras, depressa criou raízes e deu frutos abundantes (cf. Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*, 6).

Entre eles, uma religiosa extraordinária, Santa Mary MacKillop (1842-1909), fundadora das Irmãs de São José do Sagrado Coração, que dedicou a sua vida à formação intelectual e religiosa dos pobres na Austrália rural.

Mary MacKillop nasceu perto de Melbourne, de pais que tinham emigrado da Escócia para a Austrália. Desde muito jovem, sentiu-se chamada por Deus a servi-lo e a testemunhá-lo não apenas com palavras, mas sobretudo com uma vida transformada pela presença de Deus (cf. *Evangelii gaudium*, 259). Como Maria Madalena, que encontrou pela primeira vez Jesus ressuscitado e foi enviada por Ele para levar o anúncio aos discípulos, Mary estava convencida de que também Ela era enviada para difundir a Boa Nova e atrair outros para o encontro com o Deus vivo.

Lendo sabiamente os sinais dos tempos, deu-se conta de que a melhor maneira de o fazer era através da educação dos jovens, consciente de que a educação católica é uma forma de evangelização. É uma grande forma de evangelização! Assim, se podemos dizer que «cada santo é uma missão; é um desígnio do Pai para refletir e encarnar, num determinado momento da

história, um aspeto do Evangelho» (Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, 19), Mary MacKillop foi-o especialmente através da fundação de escolas.

Uma característica essencial do seu zelo pelo Evangelho consistia na atenção aos pobres e aos marginalizados. E isto é muito importante: no caminho da santidade, que é o caminho cristão, os pobres e os marginalizados são protagonistas e uma pessoa não pode progredir na santidade, se não se dedicar também a eles, de um modo ou de outro. Eles, que precisam da ajuda do Senhor, têm em si a presença do Senhor. Certa vez li uma frase que me impressionou; dizia assim: “O protagonista da história é o mendigo: os mendigos são aqueles que chamam a atenção para a injustiça, que é a grande pobreza do mundo”; o dinheiro é gasto para fabricar armas, não para produzir refeições... E não vos esqueçais: não há santidade se, de um modo ou de outro, não houver cuidado para com os pobres, os necessitados, aqueles que estão um pouco à margem da sociedade. Esta preocupação com os pobres e os marginalizados levou Mary a ir onde outros não queriam, ou não podiam ir. A 19 de março de 1866, festa de São José, abriu a primeira escola num pequeno subúrbio no sul da Austrália. Seguiram-se muitas outras, que ela e as suas religiosas fundaram em comunidades rurais da Austrália e da Nova Zelândia. Multiplicaram-se, pois o zelo apostólico faz isto: multiplica as obras!

Mary MacKillop estava convencida de que o objetivo da educação é o desenvolvimento integral da pessoa, quer como indivíduo, quer como membro da comunidade; e que isto requer sabedoria, paciência e caridade da parte de cada professor. Com efeito, a educação não consiste em encher a cabeça de ideias: não, não é só isso! Em que consiste a educação? Em acompanhar e encorajar os alunos ao longo do caminho do crescimento humano e espiritual, mostrando-lhes como a amizade com Jesus Ressuscitado dilata o coração, tornando a vida mais humana. Educar significa ajudar a pensar bem: a *sentir bem* - a linguagem do coração - e a *fazer bem* - a linguagem das mãos. Esta visão é plenamente atual, quando sentimos a necessidade de um “pacto educativo”, capaz de unir as famílias, as escolas e a sociedade inteira.

O zelo de Mary MacKillop pela difusão do Evangelho no meio dos pobres levou-a também a empreender várias outras obras de caridade, a começar pela “Casa da Providência”, aberta em Adelaide para acolher idosos e crianças abandonadas. Mary tinha uma grande fé na Providência de Deus: estava sempre confiante de que, em qualquer situação, Deus provê. Mas isto não lhe poupava as ansiedades e dificuldades do seu apostolado, e Mary tinha bons motivos para isto: devia pagar as contas, confrontar-se com os bispos e sacerdotes locais, gerir as escolas e cuidar da formação profissional e espiritual das suas religiosas; e, mais tarde, problemas de saúde. Mas, apesar de tudo, manteve-se serena, carregando pacientemente a cruz, que é parte integrante da missão.

Numa ocasião, na festa da Exaltação da Cruz, Mary disse a uma das suas irmãs: “Minha filha, há muitos anos aprendi a amar a Cruz”. Ela não desistiu nos momentos de provação e de escuridão, quando a sua alegria foi amortecida pela oposição e rejeição. Reparai: todos os santos encontraram oposição, até no seio da Igreja. Isto é curioso! Também ela teve algumas. Mas estava persuadida de que, até quando o Senhor lhe dava «o pão da angústia e a água da tribulação» (Is 30, 20), depressa responderia ao seu clamor, envolvendo-a com a sua graça. Eis o segredo do zelo apostólico: uma relação contínua com o Senhor.

Irmãos e irmãs, que o discipulado missionário de Santa Mary MacKillop, a sua resposta criativa às necessidades da Igreja do seu tempo e o seu compromisso na formação integral dos jovens inspirem todos nós, hoje, que somos chamados a ser fermento do Evangelho nas nossas sociedades em rápida transformação. Que o seu exemplo e a sua intercessão apoiem o trabalho diário dos pais, dos professores, dos catequistas e de todos os educadores, para o bem dos jovens e para um futuro mais humano e cheio de esperança!

Quarta-feira, 23 de agosto de 2023

18. O anúncio na língua materna: São Juan Diego, mensageiro da Virgem de Guadalupe

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso percurso para redescobrir a paixão pelo anúncio do Evangelho, para ver como o zelo apostólico, esta paixão por anunciar o Evangelho se desenvolveu na história da Igreja – neste percurso olhemos hoje para as Américas. Ali a evangelização tem uma fonte sempre viva: Guadalupe. É uma fonte viva. Os mexicanos estão contentes! Certamente o Evangelho já lá tinha chegado antes daquelas aparições, mas infelizmente foi acompanhado também por interesses mundanos. Em vez do caminho da inculturação, tomou-se muitas vezes o percurso apressado do transplante e da imposição de modelos pré-constituídos – europeus, por exemplo – sem respeito pelas populações indígenas. A Virgem de Guadalupe, pelo contrário, aparece vestida com as roupas dos autóctones, fala a língua deles, acolhe e ama a cultura local: Maria é Mãe e sob o seu manto cada filho encontra lugar. N’Ela, Deus fez-se carne e, através de Maria, continua a encarnar-se na vida dos povos. Nossa Senhora, de facto, anuncia Deus na língua mais adequada, ou seja, a língua materna. E também a nós Nossa Senhora fala na língua materna, aquela que compreendemos melhor. O Evangelho é transmitido na língua materna. E gostaria de dizer obrigado a tantas mães e às muitas avós que o transmitem aos filhos e netos: a fé passa com a vida, por isso as mães e as avós são as primeiras anunciadoras. Um aplauso às mães e às avós! E o Evangelho comunica-se, como mostra Maria, na simplicidade: Nossa Senhora escolhe sempre os simples, na colina de Tepeyac, no México, como em Lourdes e em Fátima: falando-lhes, fala a cada um, numa linguagem adequada a todos, com uma linguagem compreensível, como a de Jesus.

Reflitamos então acerca do testemunho de São Juan Diego, que é o mensageiro, é o jovem, é o indígena que recebeu a revelação de Maria: o mensageiro de Nossa Senhora de Guadalupe. Ele era uma pessoa humilde,

um índio do povo: sobre ele pousou o olhar de Deus, que gosta de fazer milagres através dos mais pequeninos. Juan Diego entrou na fé já adulto e casado. Em dezembro de 1531, tinha cerca de 55 anos. Enquanto estava a caminho, vê numa colina a Mãe de Deus, que o chama com ternura, e de que modo o chama Nossa senhora? «Meu pequeno e amado filho Juanito» (*Nican Mopohua*, 23). Depois envia-o ao Bispo para pedir que construa um templo no lugar onde ela tinha aparecido. Juan Diego, simples e disponível, vai com a generosidade do seu coração puro, mas tem de esperar muito tempo. Finalmente fala com o Bispo, que não acredita nele. Por vezes nós Bispos... Volta a encontrar Nossa Senhora, que o consola e lhe pede que tente de novo. O índio volta ao Bispo e, com grande dificuldade, encontra-o, mas o Bispo, depois de o ouvir, despede-o e envia homens para o seguirem. Eis a fadiga, a prova do anúncio: não obstante o zelo, chegam os imprevistos, por vezes da própria Igreja. Para anunciar, com efeito, não basta dar testemunho do bem, é preciso saber suportar o mal. Não esqueçamos isto: é muito importante; para anunciar o Evangelho não é suficiente testemunhar o bem, mas é necessário saber suportar o mal. Um cristão pratica o bem. Mas suporta o mal. Ambos caminham juntos, a vida é assim. Ainda hoje, em tantos lugares, inculturar o Evangelho e evangelizar as culturas exige perseverança e paciência, não temer os conflitos, não desanimar. Penso num país onde os cristãos são perseguidos, porque são cristãos e não podem praticar bem e em paz a própria religião. Juan Diego, desanimado, pois o Bispo adiava sempre, pede a Nossa Senhora que o dispense e que encarregue alguém mais estimado e capaz do que ele, mas é instado a perseverar. Há sempre o risco de uma certa rendição no anúncio: uma coisa não corre bem e desiste-se, desanimando e talvez refugiando-se nas próprias certezas, em pequenos grupos e nalgumas devoções intimistas. Nossa Senhora, pelo contrário, ao mesmo tempo que nos consola, faz-nos ir em frente e assim faz-nos crescer, como uma boa mãe que, seguindo os passos do filho, o lança nos desafios do mundo.

Juan Diego, assim encorajado, volta a procurar o Bispo que lhe pede um sinal. Nossa Senhora promete-lhe um sinal e conforta-o com estas palavras: «Não se perturbe o teu rosto, nem o teu coração: [...] Não estou eu aqui, tua mãe?» (*ibid.*, 118-119). É bonito isto, Nossa Senhora muitas vezes quando sentimos desolação, tristeza, dificuldade, diz também a nós, no coração:

«Não estou porventura aqui, eu que sou a tua mãe?». Sempre próxima para nos consolar e dar força para ir em frente. Depois, pede-lhe que vá ao cimo da árida colina colher flores. É inverno mas, não obstante, Juan Diego encontra algumas belas flores, guarda-as no seu manto e oferece-as à Mãe de Deus, que o convida a levá-las ao Bispo como prova. Ele vai, espera a sua vez com paciência e, finalmente, na presença do Bispo, abre a sua tilma – o que usavam os indígenas para se agasalhar – abre a sua tilma mostrando as flores e eis que no tecido do manto aparece a imagem de Nossa Senhora, a extraordinária e viva que conhecemos nós, em cujos olhos estão ainda impressos os protagonistas daquele tempo. Eis a surpresa de Deus: quando há disponibilidade e, quando há obediência, Ele pode realizar algo inesperado, em tempos e modos que não podemos prever. E assim o santuário pedido pela Virgem foi construído e hoje pode ser visitado.

Juan Diego deixa tudo e, com a autorização do bispo, dedica a sua vida ao santuário. Acolhe os peregrinos e evangeliza-os. É o que acontece nos santuários marianos, meta de peregrinações e lugares de anúncio, onde todos se sentem em casa – pois é a casa da mãe, é a casa da mãe – e experimentam a saudade de casa, ou seja, a nostalgia do lugar no qual a Mãe está, o Céu. Ali, a fé é acolhida de forma simples, a fé acolhe-se deste modo, genuína, de maneira popular, e Nossa Senhora, como disse a Juan Diego, ouve os nossos prantos e cura as nossas penas (cf. *ibid.*, 32). Aprendamos: quando há dificuldades na vida, procuremos a Mãe; e quando a vida é feliz, procuremos a Mãe para partilhar inclusive isto. Precisamos de ir a estes oásis de consolação e de misericórdia, onde a fé se exprime numa linguagem materna; onde colocamos as fadigas da vida nos braços de Nossa Senhora e regressamos à vida com a paz no coração, talvez com a paz das crianças.

Quarta-feira, 30 de agosto de 2023

19. Rezar e servir com alegria: *Kateri Tekakwitha, primeira santa nativa da América do Norte*

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Agora, continuando a nossa catequese sobre o tema do zelo apostólico e da paixão pelo anúncio do Evangelho, hoje olhemos para Santa Kateri Tekakwitha, a primeira nativa da América do Norte que foi canonizada. Nascida por volta de 1656 num povoado do norte do Estado de Nova Iorque, era filha de um chefe Mohawk não batizado e de uma mãe cristã Algonquina, que ensinou Kateri a rezar e a entoar hinos a Deus. Muitos de nós também fomos apresentados ao Senhor pela primeira vez no âmbito familiar, sobretudo pelas nossas mães e avós. Começa assim a evangelização; aliás, não esqueçamos isto, que a fé é sempre transmitida em dialeto pelas mães, pelas avós. A fé deve ser transmitida em dialeto e nós recebemo-la neste dialeto das mães e das avós. A evangelização começa muitas vezes assim: com gestos simples, pequenos, como os pais que ajudam os filhos a aprender a falar com Deus na oração, narrando-lhes o seu amor grande e misericordioso. E as bases da fé para Kateri, e muitas vezes também para nós, foram lançadas deste modo. Ela recebeu-a da mãe em dialeto, o dialeto da fé.

Quando Kateri tinha quatro anos, uma grave epidemia de varíola atingiu o seu povo. Os seus pais e o seu irmão mais novo morreram e Kateri ficou com cicatrizes no rosto e problemas de vista. A partir daquele momento, Kateri teve que enfrentar muitas dificuldades: certamente as físicas devido aos efeitos da varíola, mas também as incompreensões, perseguições e até ameaças de morte que sofreu após o seu batismo, no domingo de Páscoa de 1676. Tudo isto incutiu em Katerium grande amor pela cruz, sinal definitivo do amor de Cristo, que se ofereceu até ao fim por nós. Com efeito, o testemunho do Evangelho não consiste apenas no que é agradável; devemos também saber carregar as nossas cruzes quotidianas com paciência,

confiança e esperança. A paciência perante as dificuldades, diante das cruzes: a paciência é uma grande virtude cristã.

Quem não tem paciência não é um bom cristão. A paciência de tolerar: tolerar as dificuldades e tolerar também os outros, que às vezes são tediosos ou nos causam dificuldades... A vida de Kateri Tekakwitha mostra-nos que cada desafio pode ser superado, se abirmos o coração a Jesus, que nos concede a graça de que precisamos: paciência e coração aberto a Jesus, eis uma receita para viver bem!

Depois de ter sido batizada, Kateri foi obrigada a refugiar-se entre os Mohawks na missão dos Jesuítas, perto da cidade de Montreal. Ali, assistia à Missa todas as manhãs, dedicava-se à adoração diante do Santíssimo Sacramento, recitava o terço e levava uma vida de penitência. Estas suas práticas espirituais impressionaram todos na Missão; reconheciam em Kateri uma santidade que atraía, porque nascia do seu profundo amor a Deus. Atrair é próprio da santidade. Deus chama-nos por atração, chama-nos com o desejo de permanecer próximo de nós, e ela sentiu esta graça da atração divina. Ao mesmo tempo, ensinava as crianças da Missão a rezar e, através do cumprimento constante das suas responsabilidades, incluindo o cuidado dos doentes e dos idosos, oferecia um exemplo de serviço humilde e amoroso a Deus e ao próximo. A fé manifesta-se sempre no serviço. A fé não é para nos enganarmos a nós mesmos, à alma: não, é para servir.

Embora fosse encorajada a casar-se, ao contrário Kateri queria dedicar completamente a sua vida a Cristo. Impossibilitada de entrar na vida consagrada, emitiu o voto de virgindade perpétua a 25 de março de 1679. Esta sua escolha revela outro aspeto do zelo apostólico que ela tinha: a dedicação total ao Senhor. É claro que nem todos são chamados a fazer o mesmo voto de Kateri; no entanto, cada cristão é chamado, todos os dias, a empenhar-se com um coração indiviso na vocação e na missão que Deus lhe confiou, servindo a Ele e ao próximo em espírito de caridade.

Caros irmãos e irmãs, a vida de Kateri é mais um testemunho de que o zelo apostólico implica tanto uma união com Jesus, alimentada pela oração e pelos Sacramentos, como o desejo de difundir a beleza da mensagem

cristã através da fidelidade à própria vocação particular. As últimas palavras de Kateri são maravilhosas. Antes de morrer, disse: “Jesus, amo-te!”.

Portanto, também nós, haurindo força do Senhor, como fez Santa Kateri Tekakwitha, aprendamos a realizar as ações ordinárias de maneira extraordinária, e assim a crescer todos os dias na fé, na caridade e no testemunho zeloso de Cristo.

Não nos esqueçamos: cada um de nós é chamado à santidade, à santidade de todos os dias, à santidade da vida cristã comum. Cada um de nós tem esta vocação: vamos em frente ao longo deste caminho. O Senhor não nos abandonará!

Quarta-feira, 13 de setembro de 2023

20. O Beato José Gregório Hernández Cisneros, médico dos pobres e apóstolo de paz

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas nossas catequeses, continuamos a encontrar testemunhas apaixonadas pelo anúncio do Evangelho. Recordemos que se trata de uma série de catequeses sobre o zelo apostólico, a vontade e também o ardor interior para anunciar o Evangelho. Hoje vamos à América Latina, precisamente à Venezuela, para conhecer a figura de um leigo, o Beato José Gregório Hernández Cisneros. Nasceu em 1864 e aprendeu a fé sobretudo com a mãe, como ele disse: «A minha mãe ensinou-me a virtude desde o berço, fez-me crescer no conhecimento de Deus e deu-me a caridade como guia». Prestemos atenção: são as mães que transmitem a fé. A fé transmite-se em dialeto, ou seja, com a linguagem das mães, aquele dialeto que as mães sabem falar com os filhos. E a vós, mães: tende o cuidado de transmitir a fé no dialeto materno.

Verdadeiramente, a caridade foi a estrela polar que orientou a existência do Beato José Gregório: pessoa bondosa e solar, de temperamento alegre, era dotado de notável inteligência; tornou-se médico, professor universitário e cientista. Mas foi sobretudo um doutor próximo dos mais frágeis, a ponto de ser conhecido na pátria como “o médico dos pobres”. Cuidava dos pobres, sempre. À riqueza do dinheiro preferiu a do Evangelho, despendendo a existência para socorrer os necessitados. Nos pobres, nos doentes, nos migrantes, em quantos sofrem, José Gregório via Jesus. E o sucesso que nunca procurou no mundo, recebeu-o, e continua a recebê-lo, das pessoas, que lhe chamam “santo do povo”, “apóstolo da caridade”, “missionário da esperança”. Lindos nomes: “Santo do povo”, “apóstolo da caridade”, “missionário da esperança”.

José Gregório era um homem humilde, um homem gentil e disponível. Mas, ao mesmo tempo, era movido por um fogo interior, pelo desejo de

viver ao serviço de Deus e do próximo. Impelido por este ardor, várias vezes procurou tornar-se religioso e sacerdote, mas diversos problemas de saúde impediram-no de o fazer. No entanto, a fragilidade física não o levou a fechar-se em si mesmo, mas a tornar-se um médico ainda mais sensível às necessidades dos outros; apegou-se à Providência e, forjado na alma, foi mais ao essencial. Eis o zelo apostólico: não segue as próprias aspirações, mas a disponibilidade aos desígnios de Deus. E assim o Beato compreendeu que, mediante o cuidado dos doentes, colocaria em prática a vontade de Deus, socorrendo quantos sofrem, dando esperança aos pobres, testemunhando a fé não com palavras, mas com o exemplo. Assim chegou – por este caminho interior – a aceitar a medicina como um sacerdócio: “O sacerdócio da dor humana” (M. YABER, José Gregório Hernández: *Médico de los Pobres, Apóstolo de la Justicia Social, Misionero de las Esperanzas*, 2004, 107). Como é importante não sofrer as coisas passivamente, mas como diz a Escritura, fazer tudo com boa vontade, para servir o Senhor (cf. Cl 3, 23).

Mas perguntemo-nos: de onde hauria José Gregório todo este entusiasmo, todo este zelo? De *uma certeza* e de *uma força*. *A certeza era a graça de Deus*. Ele escreveu que «se no mundo há bons e maus, os maus existem porque eles próprios se tornaram maus: mas os bons são tais com a ajuda de Deus» (27 de maio de 1914). E ele foi o primeiro que se sentiu necessitado da graça, que mendigava nas ruas e tinha extrema necessidade do amor. Eis *a força* da qual hauria: *a intimidade com Deus*. Era um homem de oração – há a graça de Deus e a intimidade com o Senhor – era um homem de oração que participava na Missa.

E, em sintonia com Jesus, que se oferece no altar por todos, José Gregório sentiu-se chamado a *oferecer a sua vida pela paz*. Estava a decorrer a primeira guerra mundial. Assim chegamos ao dia 29 de junho de 1919: um amigo visita-o e encontra-o muito feliz. Sim, José Gregório soube que fora assinado o tratado que punha fim à guerra. A sua oferta foi aceite e é como se pressentisse que a sua tarefa na terra tinha acabado. Nessa manhã, como de costume, foi à Missa e agora sai à rua para levar um remédio a um doente. Mas, enquanto atravessa a rua, é atropelado por um veículo; levado para o hospital, falece pronunciando o nome de Nossa

Senhora. O seu caminho terreno conclui-se assim, numa rua, enquanto realiza uma obra de misericórdia, e num hospital, onde fizera do seu trabalho uma obra-prima como médico.

Irmãos e irmãs, perante este testemunho, perguntemo-nos: eu, diante de Deus presente nos pobres perto de mim, diante daqueles que mais sofrem no mundo, como reajo? E de que maneira me diz respeito o exemplo de José Gregório? Ele estimula-nos a um compromisso perante as grandes questões sociais, económicas e políticas de hoje. Muitos comentam isto, tantos falam mal, muitos criticam e dizem que tudo corre mal. Contudo, o cristão não é chamado a isto, mas a enfrentar as questões, a sujar as mãos: em primeiro lugar, como nos disse São Paulo, a rezar (cf. *1 Tm 2, 1-4*), e depois a comprometer-se não em tagarelices – a bisbilhotice é uma chaga – mas na promoção do bem e na construção da paz e da justiça na verdade. Também isto é zelo apostólico, é anúncio do Evangelho, e isto é bem-aventurança cristã: «Bem-aventurados os pacificadores» (Mt 5, 9). Sigamos o caminho do Beato Gregório: um leigo, um médico, um homem de trabalho quotidiano que o zelo apostólico estimulou a viver praticando a caridade durante a vida inteira.

Quarta-feira, 20 de setembro de 2023

21. São Daniel Comboni, apóstolo de África e profeta da missão

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No caminho de catequeses sobre a paixão evangelizadora, ou seja, o zelo apostólico, meditemos hoje sobre o testemunho de São Daniel Comboni. Ele foi um apóstolo cheio de zelo pela África. Sobre aqueles povos, escreveu: «Apoderaram-se do meu coração, que só vive para eles» (*Escritos*, 941), «morrerei com a África nos meus lábios» (*Escritos*, 1441). É bonito... E a eles dirigia-se assim: «O mais feliz dos meus dias será quando eu puder dar a vida por vós» (*Escritos*, 3159). Trata-se da expressão de uma pessoa apaixonada por Deus e pelos irmãos que servia em missão, a propósito dos quais não se cansava de recordar que «Jesus Cristo sofreu e morreu também por eles» (*Escritos*, 2499; 4801).

Afirmava-o num contexto caracterizado pelo horror da escravatura, de que foi testemunha. A escravatura “coisifica” o homem, cujo valor se reduz a ser útil a alguém ou a algo. Mas Jesus, Deus que se fez homem, elevou a dignidade de cada ser humano, desmascarando a falsidade de qualquer escravatura. À luz de Cristo, Comboni adquiriu consciência do mal da escravatura; além disso, compreendeu que a escravatura social se arraiga numa escravatura mais profunda, a do coração, do pecado, da qual o Senhor nos liberta. Portanto, como cristãos, somos chamados a lutar contra todas as formas de escravatura. Mas infelizmente a escravatura, assim como o colonialismo, não é uma recordação do passado, infelizmente! Na África tão amada por Comboni, hoje dilacerada por numerosos conflitos, «depois daquele político, desencadeou-se (...) um “colonialismo económico”, igualmente escravizante (...). É um drama perante o qual o mundo economicamente mais avançado muitas vezes fecha os olhos, os ouvidos e a boca». Por isso, renovo o meu apelo: «Deixai de sufocar a África: ela não é uma mina a explorar, nem um solo a saquear» (*Encontro com as Autoridades*, Kinshasa, 31 de janeiro de 2023).

Voltemos à vicissitude de São Daniel. Depois de ter passado um primeiro período na África, teve que abandonar a missão por motivos de saúde. Demasiados missionários tinham morrido por ter contraído doenças, devido ao escasso conhecimento da realidade local. Mas se outros abandonavam a África, Comboni não. Após um período de discernimento, sentiu que o Senhor lhe inspirava um novo caminho de evangelização, que ele resumiu com as seguintes palavras: «Salvar a África com a África» (*Escritos*, 2741 s.). Trata-se de uma intuição poderosa, não há colonialismo algum nisto: é uma intuição poderosa que contribuiu para renovar o compromisso missionário: as pessoas evangelizadas não eram apenas “objetos”, mas “sujeitos” da missão. E São Daniel Comboni desejava tornar todos os cristãos protagonistas da ação evangelizadora. E com este espírito, pensou e agiu de modo integral, envolvendo o clero local e promovendo o serviço laical dos catequistas. Os catequistas são um tesouro da Igreja: os catequistas são aqueles que vão em frente na evangelização. Assim concebia também o desenvolvimento humano, interessando-se pelas artes e profissões, favorecendo o papel da família e da mulher na transformação da cultura e da sociedade. E como é importante, ainda hoje, fazer progredir a fé e o desenvolvimento humano a partir do interior dos contextos de missão, em vez de neles transplantar modelos externos, ou limitar-se a um assistencialismo estéril! Nem modelos externos, nem assistencialismo. Haurir da cultura dos povos o caminho para fazer a evangelização. Evangelizar a cultura e inculturar o Evangelho: caminham juntos!

No entanto, a grande paixão missionária de Comboni não foi principalmente fruto do esforço humano: ele não era impelido pela sua coragem, nem motivado apenas por valores importantes, como a liberdade, a justiça e a paz; o seu zelo nascia da alegria do Evangelho, alimentava-se do amor de Cristo e levava ao amor a Cristo! São Daniel escreveu: «Uma missão tão árdua e laboriosa como a nossa não pode viver de aparências, de sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo e de si próprios, que não se preocupam, como deviam, com a saúde e a conversão das almas». Este é o drama do clericalismo, que leva os cristãos, até os leigos, a clericalizar-se e a transformá-los - como se diz aqui - em sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo. Esta é a chaga do clericalismo. E acrescentava: «É preciso fazê-los arder de caridade, com a sua fonte em Deus e no amor de Cristo; e

quando se ama verdadeiramente a Cristo, então as privações, os padecimentos e o martírio são docilidades» (*Escritos*, 6656). O seu desejo era ver missionários fervorosos, alegres, comprometidos: missionários - escrevia - «santos e capazes. [...] Primeiro: santos, isto é, alheios ao pecado e humildes. Mas não basta: é necessária a caridade para tornar os sujeitos capazes» (*Escritos*, 6655). Portanto, para Comboni a fonte da capacidade missionária é a caridade, em particular o zelo de fazer seus os sofrimentos dos outros.

De resto, a sua paixão evangelizadora nunca o levou a agir como solista, mas sempre em comunhão, na Igreja. «Só tenho a vida para consagrar à saúde daquelas almas», escreveu, «gostaria de ter mil para as consumir com este objetivo» (*Escritos*, 2271).

Irmãos e irmãs, São Daniel dá testemunho do amor do bom Pastor, que vai em busca de quem se perdeu e dá a vida pelo rebanho. O seu zelo foi enérgico e profético, opondo-se à indiferença e à exclusão. Nas cartas recordava com entusiasmo a sua amada Igreja, que durante demasiado tempo tinha esquecido a África. O sonho de Comboni é uma Igreja que faça causa comum com os crucificados da história, para experimentar com eles a ressurreição. Neste momento, dou-vos uma sugestão. Pensai nos crucificados da história de hoje: homens, mulheres, crianças, idosos que são crucificados por histórias de injustiça e de domínio. Pensemos neles e oremos! O seu testemunho parece reiterar a todos nós, homens e mulheres de Igreja: “Não esqueçais os pobres, amai-os, pois neles está presente Jesus crucificado, à espera de ressuscitar”. Não vos esqueçais dos pobres: antes de vir aqui, tive um encontro com legisladores brasileiros que trabalham a favor dos pobres, que procuram promover os pobres com a assistência e a justiça social. E eles não se esquecem dos pobres: trabalham pelos pobres. Digo-vos: não vos esqueçais dos pobres, pois são eles que vos abrirão a porta do Céu.

Quarta-feira, 11 de outubro de 2023

22. Santa Josefina Bakhita: testemunha da força transformadora do perdão de Cristo

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No caminho de catequeses sobre o zelo apostólico – refletimos sobre o zelo apostólico – hoje deixemo-nos inspirar pelo testemunho de Santa Josefina Bakhita, uma santa sudanesa. Infelizmente, há meses que o Sudão é dilacerado por um terrível conflito armado, do qual pouco se fala hoje; oremos pelo povo sudanês, para que possa viver em paz! Mas a fama de Santa Bakhita ultrapassou todas as fronteiras e chegou a todos aqueles a quem é negada a identidade e a dignidade.

Nascida no Darfur - o martirizado Darfur! - em 1869, foi raptada da sua família com sete anos e feita escrava. Os seus raptadores chamavam-lhe “Bakhita”, que significa “felizarda”. Teve oito donos, um vendia-a a outro. Os sofrimentos físicos e morais que padeceu na infância deixaram-na sem identidade. Sofreu maldades e violências: no seu corpo trazia mais de cem cicatrizes. Mas ela própria testemunhou: “Como escrava, nunca desesperei, porque sentia uma força misteriosa que me sustentava”.

Diante disto, pergunto-me: qual é o segredo de Santa Bakhita? Sabemos que muitas vezes a pessoa ferida, por sua vez, fere; o oprimido torna-se facilmente opressor. No entanto, a vocação dos oprimidos é libertar-se a si próprios e aos seus opressores, tornando-se restauradores de humanidade. Só na debilidade dos oprimidos se pode revelar a força do amor de Deus, que liberta ambos. Santa Bakhita exprime muito bem esta verdade. Um dia, o seu tutor dá-lhe um pequeno crucifixo, e ela, que nunca tinha possuído nada, conserva-o ciosamente como um tesouro. Fitando-o, experimenta uma libertação interior, porque se sente compreendida e amada e, portanto, *capaz de compreender e amar*: este é o início. Sente-se compreendida, sente-se amada e, por conseguinte, capaz de compreender e amar os outros. Com efeito, dirá: “O amor de Deus sempre me acompanhou de modo

misterioso... O Senhor amou-me tanto: é preciso amar todos... É preciso compadecer-se!”. Esta é a alma de Bakhita! Na verdade, com-padecer significa tanto padecer com as vítimas de tanta desumanidade presente no mundo, como também compadecer-se de quem comete erros e injustiças, não justificando, mas humanizando. Esta é a carícia que ela nos ensina: humanizar! Quando entramos na lógica da luta, da divisão entre nós, dos maus sentimentos, uns contra os outros, perdemos a humanidade. E muitas vezes pensamos que precisamos de humanidade, que devemos ser mais humanos. E esta é a tarefa que Santa Bakhita nos ensina: humanizar, humanizar-nos a nós mesmos e humanizar os outros.

Santa Bakhita, que se tornou cristã, é transformada pelas palavras de Cristo, que meditava diariamente: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!» (Lc 23, 34). Por isso, dizia: “Se Judas tivesse pedido perdão a Jesus, também ele teria encontrado misericórdia”. Podemos dizer que a vida de Santa Bakhita se tornou *uma parábola existencial do perdão*. Como é bom dizer de uma pessoa: “Foi capaz, foi sempre capaz de perdoar”. E ela foi sempre capaz de o fazer, aliás: a sua vida é uma parábola existencial do perdão. Perdoar, porque assim seremos perdoados. Não vos esqueçais disto: o perdão, que é a carícia de Deus para todos nós!

O perdão libertou-a. O perdão recebido, primeiro através do amor misericordioso de Deus, e depois o perdão oferecido, fizeram dela uma mulher livre, alegre, capaz de amar.

Bakhita pôde viver o serviço não como escravatura, mas como expressão do dom livre de si. E isto é muito importante: fez-se voluntariamente serva – foi vendida como escrava – e em seguida escolheu livremente fazer-se serva, carregar sobre os seus ombros os fardos dos outros!

Com o seu exemplo, Santa Josefina Bakhita indica-nos o caminho para nos libertarmos finalmente das nossas escravidões e medos. Ajuda-nos a desmascarar as nossas hipocrisias e egoísmos, a superar ressentimentos e conflitos. E encoraja-nos sempre.

Caros irmãos e irmãs, o perdão não tira nada, mas acrescenta – o que acrescenta o perdão? Dignidade: o perdão não te tira nada, mas acrescenta dignidade à pessoa, faz-nos afastar o olhar de nós mesmos e fitar os outros, para os ver frágeis como nós, mas sempre irmãos e irmãs no Senhor. Irmãos e irmãs, o perdão é a nascente de *um zelo que se torna misericórdia e chama a uma santidade humilde e jubilosa*, como a de Santa Bakhita.

Quarta-feira, 18 de outubro de 2023

23. São Charles de Foucauld, coração pulsante de caridade na vida oculta

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Prossigamos o nosso encontro com alguns cristãos, testemunhas ricas de zelo no anúncio do Evangelho. O zelo apostólico, o zelo pelo anúncio: passamos em revista alguns cristãos que foram exemplos deste zelo apostólico. Hoje gostaria de vos falar de um homem que fez de Jesus e dos irmãos mais pobres a paixão da própria vida. Refiro-me a São Carlos de Foucauld que, «partindo da sua intensa experiência de Deus, percorreu um caminho de transformação até se sentir irmão de todos» (Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 286).

E qual era o “segredo” de Carlos de Foucauld, da sua vida? Depois de ter vivido uma juventude longe de Deus, sem acreditar em nada, a não ser na busca desordenada do prazer, ele confia-o a um amigo não crente, a quem, depois de se ter convertido aceitando a graça do perdão de Deus na Confissão, revela a razão da sua vida. Escreve: «Perdi o meu coração por Jesus de Nazaré». [1] Assim, o irmão Carlos recorda-nos que o primeiro passo para evangelizar é ter Jesus dentro do coração, é “perder a cabeça” por Ele. Se isso não acontecer, dificilmente conseguiremos mostrá-lo com a vida. Ao contrário, corremos o risco de falar de nós próprios, do nosso grupo de pertença, de uma moral ou, pior ainda, de um conjunto de regras, mas não de Jesus, do seu amor, da sua misericórdia. Vejo isto nalguns movimentos novos que surgem: falam da sua visão da humanidade, falam da sua espiritualidade e sentem-se um caminho novo... Mas por que não falais de Jesus? Falam de muitas coisas, de organização, de caminhos espirituais, mas não sabem falar de Jesus. Penso que hoje seria bom que cada um de nós se perguntasse: tenho Jesus no centro do coração? Perdi um pouco a cabeça por Jesus?

Carlos sim, a ponto de passar *da atração por Jesus à imitação de Jesus*. Aconselhado pelo seu confessor, vai à Terra Santa para visitar os lugares onde o Senhor viveu e para caminhar onde o Mestre caminhou. Em particular, em Nazaré compreende que deve formar-se na escola de Cristo. Vive uma relação intensa com o Senhor, passa longas horas a ler os Evangelhos e sente-se como o seu irmão mais novo. E, conhecendo Jesus, brota nele o desejo de o dar a conhecer. Acontece sempre assim: à medida que cada um de nós conhece mais Jesus, nasce o desejo de o dar a conhecer, de compartilhar este tesouro. Comentando a narração da visita de Nossa Senhora a Santa Isabel, leva-o a dizer: «Ofereci-me ao mundo... levai-me ao mundo!». Sim, mas como o fazer? Como Maria, no mistério da Visitação: «Em silêncio, com o exemplo, com a vida».[2] Com a vida, porque «toda a nossa existência, escreve o irmão Carlos, deve gritar o Evangelho».[3] E muitas vezes a nossa existência grita mundanidade, grita tantas coisas estúpidas, coisas estranhas, e ele diz: “Não, toda a nossa existência deve gritar o Evangelho”.

Então, ele decide estabelecer-se em regiões longínquas para gritar o Evangelho no silêncio, vivendo no espírito de Nazaré, em pobreza e escondimento. Vai para o deserto do Sahara, entre os não-cristãos, e chega lá como amigo e irmão, levando a mansidão de Jesus-Eucaristia. Carlos deixa Jesus agir silenciosamente, convencido de que a “vida eucarística” evangeliza. Sim, acredita que Cristo é o primeiro evangelizador. Assim, permanece em oração aos pés de Jesus, diante do tabernáculo, aproximadamente dez horas por dia, convicto de que aí reside a força evangelizadora e sentindo que Jesus o aproxima de numerosos irmãos distantes. E nós, pergunto-me, acreditamos na força da Eucaristia? O nosso ir ao encontro dos outros, o nosso serviço, encontra aí, na adoração, o seu início e o seu cumprimento? Estou convencido de que perdemos o sentido da adoração; devemos recuperá-lo, a começar por nós, consagrados, bispos, sacerdotes, religiosas e todos os consagrados. “Perder” tempo diante do tabernáculo, recuperar o sentido da adoração.

Carlos de Foucauld escreveu: «Cada cristão é apóstolo»,[4] recordando a um amigo que «ao lado dos sacerdotes, são necessários leigos que vejam o que o presbítero não vê, que evangelizem com proximidade de caridade,

com bondade para com todos, com afeto sempre pronto a entregar-se».[5] Leigos santos, não carreiristas. E aqueles leigos, aquele leigo, aquela leiga que se apaixonaram por Jesus levam o sacerdote a compreender que não é um funcionário, que ele é um mediador, um sacerdote. Quanto precisamos nós, sacerdotes, de ter ao nosso lado estes leigos que acreditam seriamente e que, com o seu testemunho, nos ensinam o caminho. Com esta experiência, Carlos de Foucauld antecipa os tempos do Concílio Vaticano II, intui a importância dos leigos e compreende que o anúncio do Evangelho compete a todo o povo de Deus. Mas como podemos aumentar esta participação? Como fez Carlos de Foucauld: pondo-nos de joelhos e aceitando a ação do Espírito, que suscita sempre novos modos de participação, encontro, escuta e diálogo, sempre em colaboração e confiança, sempre em comunhão com a Igreja e com os pastores.

São Carlos de Foucauld, figura que é profecia para o nosso tempo, deu testemunho da beleza de comunicar o Evangelho através do apostolado da mansidão: ele, que se sentia “irmão universal” e acolhia todos, mostra-nos a força evangelizadora da mansidão, da ternura. Não esqueçamos que o estilo de Deus reside em três palavras: proximidade, compaixão e ternura. Deus está sempre próximo, é sempre compassivo, sempre terno. E o testemunho cristão deve seguir este caminho: de proximidade, de compaixão, de ternura. E ele era assim, manso e terno. Desejava que quantos o encontrassem vissem, através da sua bondade, a bondade de Jesus. Com efeito, dizia que era «servo de alguém que é muito melhor do que eu».[6] Viver a bondade de Jesus levava-o a criar laços fraternos de amizade com os pobres, com os Tuaregues, com os mais distantes da sua mentalidade. Aos poucos, esses vínculos geravam fraternidade, inclusão, valorização da cultura do outro. A bondade é simples e pede que sejamos pessoas simples, sem medo de oferecer um sorriso. E com o sorriso, com a sua simplicidade, o irmão Carlos dava testemunho do Evangelho. Nunca proselitismo, nunca: testemunho. A evangelização não se faz por proselitismo, mas por testemunho, por atração. Concluindo, perguntemo-nos então se trazemos em nós e levamos aos outros a alegria cristã, a mansidão cristã, a ternura cristã, a compaixão cristã, a proximidade cristã. Obrigado!

NOTAS

[1] *Lettres à un ami de lycée. Correspondance avec Gabriel Tourdes (1874-1915)*, Paris 2010, 161.

[2] *Crier l'Évangile*, Montrouge 2004, 49.

[3] M/314 in C. de Foucauld, *La bonté de Dieu. Méditations sur les Saints Évangiles (1)*, Montrouge 2002, 285.

[4] *Lettre à Joseph Hours*, in *Correspondances lyonnaises (1904-1916)*, Paris 2005, 92.

[5] *Ivi*, 90.

[6] *Carnets de Tamanrasset (1905-1916)*, Paris 1986, 188.

Quarta-feira, 25 de outubro de 2023

24. Os Santos Cirilo e Metódio, apóstolos dos Eslavos

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje falar-vos-ei de dois irmãos muito famosos no Oriente, a ponto de serem chamados “os apóstolos dos Eslavos”: os Santos Cirilo e Metódio. Nascidos na Grécia no século IX, numa família aristocrática, renunciaram à carreira política para se dedicar à vida monástica. Mas o seu sonho de uma existência retirada dura pouco. São enviados como missionários para a Grande Morávia, que naquela época abrangia vários povos, já parcialmente evangelizados, mas entre os quais subsistiam muitos costumes e tradições pagãs. O seu príncipe pediu um mestre que explicasse a fé cristã na língua deles.

Portanto, a primeira tarefa de Cirilo e Metódio consiste em aprofundar o estudo da cultura daqueles povos. Sempre aquele refrão: a fé deve ser inculturada e a cultura deve ser evangelizada. Inculturação da fé, evangelização da cultura, sempre! Cirilo pergunta se têm um alfabeto; dizem-lhe que não. E ele responde: “Quem pode escrever um discurso sobre a água?”. Com efeito, para anunciar o Evangelho e para pregar, era necessário um instrumento próprio, adequado, específico. Assim, inventa o alfabeto glagolítico. Traduz a Bíblia e os textos litúrgicos. As pessoas sentem que aquela fé cristã já não é “estrangeira”, mas torna-se a fé delas, falada na língua materna. Pensai: dois monges gregos que oferecem um alfabeto aos Eslavos. Foi esta abertura de coração que enraizou o Evangelho entre eles. Estes dois não tinham medo, eram corajosos!

No entanto, depressa surgem oposições de alguns Latinos, que se veem privados do monopólio da pregação entre os Eslavos, aquela luta dentro da Igreja, sempre assim! A sua objeção é religiosa, mas apenas na aparência: Deus só pode ser louvado – dizem – nas três línguas escritas na cruz, o hebraico, o grego e o latim. Tinham a mentalidade fechada para defender a própria autonomia. Mas Cirilo responde com veemência: Deus quer que

cada povo o louve na própria língua. Com o irmão Metódio, dirige um apelo ao Papa, que aprova os seus textos litúrgicos em língua eslava, manda colocá-los sobre o altar da igreja de Santa Maria Maior e, com eles, canta os louvores do Senhor segundo aqueles livros. Cirilo falece poucos dias depois, e as suas relíquias ainda são veneradas aqui em Roma, na Basílica de São Clemente. Metódio, ao contrário, é ordenado bispo e enviado para os territórios dos Eslavos. Aqui deverá sofrer muito, até será preso, mas irmãos e irmãs, sabemos que a Palavra de Deus não é acorrentada e que se propaga entre aqueles povos.

Olhando para o testemunho destes dois evangelizadores, que São João Paulo II quis como copadroeiros da Europa e sobre os quais escreveu a Encíclica *Slavorum Apostoli*, vejamos três aspetos importantes.

Em primeiro lugar, *a unidade*: os Gregos, o Papa, os Eslavos: naquela época na Europa havia uma cristandade não dividida, que colaborava para evangelizar.

Um segundo aspeto importante é *a inculturação*, sobre a qual eu já disse algo antes: evangelizar a cultura, e a inculturação mostra que evangelização e cultura estão intimamente ligadas. Não se pode pregar um Evangelho de modo abstrato, destilado, não: o Evangelho deve ser inculturado e é também expressão da cultura.

Um último aspeto, *a liberdade*. Na pregação, é necessária a liberdade, mas a liberdade precisa sempre da coragem; uma pessoa é livre quando é mais corajosa e não se deixa acorrentar por tantas coisas que lhe tiram a liberdade!

Irmãos e irmãs, peçamos aos Santos Cirilo e Metódio, apóstolos dos Eslavos, para ser instrumentos de “liberdade na caridade” para os outros. Ser criativos, constantes e humildes, com a oração e com o serviço.

Quarta-feira, 8 de novembro de 2023

25. Madeleine Delbrêl. A alegria da fé entre os não crentes.

Caros irmãos e irmãs, bom dia!

Entre as numerosas testemunhas da paixão pelo anúncio do Evangelho, aqueles evangelizadores apaixonados, apresento hoje a figura de uma francesa do século XX, a venerável serva de Deus Madeleine Delbrêl. Nascida em 1904 e falecida em 1964, foi assistente social, escritora e mística, e viveu por mais de trinta anos na periferia pobre e operária de Paris. Deslumbrada pelo encontro com o Senhor, escreveu: «Uma vez que conhecemos a palavra de Deus, não temos o direito de não a receber; quando a recebemos, não temos o direito de não a deixar encarnar-se em nós; quando se encarna em nós, não temos o direito de a conservar para nós: a partir daquele momento, pertencemos àqueles que a esperam» (*La santità della gente comune*, Milão 2020, 71). É bonito: é bonito o que ela escreveu...

Depois de uma adolescência vivida no agnosticismo – não acreditava em nada – com cerca de 20 anos Madeleine encontra o Senhor, impressionada pelo testemunho de alguns amigos crentes. Então põe-se à procura de Deus, dando voz a uma sede profunda que sentia dentro de si, e chega a compreender que o «vazio que nela gritava a sua angústia» era Deus que a procurava (*Abbagliata da Dio. Corrispondenza 1910-1941*, Milão 2007, 96). A alegria da fé leva-a a amadurecer uma opção de vida inteiramente dedicada a Deus, no coração da Igreja e no coração do mundo, simplesmente compartilhando em fraternidade a vida das “pessoas de rua”. Poeticamente, assim se dirigia a Jesus: «Para estar contigo no teu caminho, é preciso ir, até quando a nossa preguiça nos suplica que fiquemos. Escolhete-nos para estar num estranho equilíbrio, um equilíbrio que só pode ser estabelecido e mantido em movimento, só num impulso. Um pouco como uma bicicleta, que não consegue ficar de pé sem estar em movimento [...] Só podemos estar de pé avançando, movendo-nos, num ímpeto de caridade». É aquilo a que ela chama a “espiritualidade da

bicicleta” (*Umorismo nell’Amore. Meditazioni e poesie*, Milão 2011, 56). Só a caminho, correndo, vivemos no equilíbrio da fé, que é um desequilíbrio, mas é assim: como a bicicleta. Se pararmos, ela não fica em pé.

Madeleine tinha o coração continuamente em saída e deixava-se interpelar pelo clamor dos pobres. Sentia que o Deus vivo do Evangelho devia arder dentro de nós, até levarmos o seu nome àqueles que ainda não o encontraram. Neste espírito, diante das agitações do mundo e do clamor dos pobres, Madeleine sente-se chamada a «viver o amor de Jesus inteiramente e ao pé da letra, desde o óleo do bom Samaritano até ao vinagre do Calvário, oferecendo-lhe assim amor por amor [...] para que, amando-o sem reservas e deixando-se amar até ao fim, os dois grandes mandamentos da caridade se encarnem em nós, tornando-se um só» (*La vocation de la charité*, 1, *Œuvres complètes XIII*, Bruyères-le-Châtel, 138-139).

No final, Madeleine ensina-nos mais uma coisa: que evangelizando somos evangelizados: evangelizando, somos evangelizados. Por isso, inspirando-se em São Paulo, dizia: «Ai de mim, se a evangelização não me evangelizar!». Evangelizando, evangelizamo-nos a nós próprios. E esta é uma boa doutrina!

Olhando para esta testemunha do Evangelho, também nós aprendemos que, em cada situação e circunstância pessoal ou social da nossa vida, o Senhor está presente e chama-nos a habitar o nosso tempo, a compartilhar a vida dos outros, a misturar-nos com as alegrias e as dores do mundo. Em particular, ensina-nos que até os ambientes secularizados nos são úteis para a conversão, pois a interação com os não-crentes estimula o crente a uma contínua revisão do seu modo de crer e a redescobrir a fé na sua essencialidade (cf. *Noi delle strade*, Milão 1988, 268 s.).

Que Madeleine Delbrêl nos ensine a viver esta fé “em movimento”, por assim dizer, esta fé fecunda que faz de cada ato de fé um ato de caridade no anúncio do Evangelho. Obrigado!

Quarta-feira, 15 de novembro de 2023

26. O anúncio é alegria.

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter encontrado várias testemunhas do anúncio do Evangelho, proponho-me resumir este ciclo de catequeses sobre o zelo apostólico em quatro pontos, inspirados na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, que este mês completa dez anos. O primeiro ponto que hoje analisamos, o primeiro dos quatro, não pode deixar de se referir à atitude de que depende a substância do gesto evangelizador: *a alegria*. Como ouvimos nas palavras que o anjo dirigiu aos pastores, a mensagem cristã é o anúncio de «uma grande alegria» (Lc 2, 10). E a razão? Uma boa notícia, uma surpresa, um acontecimento agradável? Muito mais, uma Pessoa: Jesus! Jesus é a alegria! Ele é o Deus que se fez homem e que veio ao nosso encontro! Portanto, estimados irmãos e irmãs, a questão não é se o anunciar, mas como o anunciar, e este “como” é a alegria. Ou anunciamos Jesus com alegria, ou não o anunciamos, porque outra maneira de o anunciar não é capaz de comunicar a verdadeira realidade de Jesus.

Eis porque o cristão descontente, o cristão triste, o cristão insatisfeito ou, pior ainda, ressentido e rancoroso não é credível. Falará de Jesus, mas ninguém acreditará nele! Uma pessoa disse-me certa vez, falando destes cristãos: “Mas são cristãos com cara de bacalhau!”, ou seja, não exprimem nada, são assim, e a alegria é essencial. É essencial vigiar sobre os nossos sentimentos. A evangelização atua a gratuidade, porque vem da plenitude, não da pressão. E quando se pratica a evangelização - quer-se fazê-la, mas não assim - com base em ideologias, isso não é evangelizar, isso não é o Evangelho. O Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio, um anúncio de alegria. As ideologias são frias, todas. O Evangelho tem o calor da alegria. As ideologias não sabem sorrir, o Evangelho é um sorriso, faz-nos sorrir porque toca a nossa alma com a Boa Nova.

O nascimento de Jesus, tanto na história como na vida, é o princípio da alegria: pensemos no que aconteceu aos discípulos de Emaús, era tanta a alegria que não podiam acreditar, e aos outros, depois, aos discípulos todos juntos, quando Jesus vai ao Cenáculo, era tanta a alegria que não podiam acreditar (cf. *Lc 24, 13-35*). A alegria de ter Jesus ressuscitado. O encontro com Jesus traz-nos sempre alegria, e se isto não nos acontece, não é um verdadeiro encontro com Jesus.

E aquilo que Jesus faz com os discípulos diz-nos que *os primeiros que devem ser evangelizados são os discípulos*, os primeiros que devem ser evangelizados somos nós, cristãos: somos nós. E isto é muito importante!

Com efeito, imersos no clima frenético e confuso de hoje, também nós poderíamos encontrar-nos a viver a fé com um leve sentido de renúncia, persuadidos de que para o Evangelho já não há escuta e que não vale mais a pena esforçar-se para o anunciar. Poderíamos até ser tentados pela ideia de deixar que “os outros” sigam o próprio caminho. Pelo contrário, precisamente este é o momento de voltar ao Evangelho para descobrir que Cristo «é sempre jovem e fonte constante de novidades» (*Evangelii gaudium*, 11).

Assim, como os dois de Emaús, volta-se à vida de todos os dias com o ímpeto de quem encontrou um tesouro: aqueles dois eram jubilosos, porque tinham encontrado Jesus, e isto mudou a vida deles. E descobre-se que a humanidade está repleta de irmãos e irmãs que aguardam uma palavra de esperança. O Evangelho é esperado até hoje: o homem de hoje é como o homem de todos os tempos, precisa dele, inclusive a civilização da incredulidade programada e da secularidade institucionalizada; aliás, sobretudo a sociedade que deixa vazios os espaços do sentido religioso, precisa de Jesus. Este é o momento favorável para o anúncio de Jesus. Por isso, gostaria de dizer novamente a todos: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, a alegria nasce e renasce sem cessar» (*ibid.*, 1). Não nos esqueçamos disto. E se algum de nós não sentir esta alegria, que se pergunte se encontrou Jesus. Uma alegria interior! O

Evangelho vai pelo caminho da alegria, sempre, é o grande anúncio. Convido cada cristão, em qualquer lugar e situação em que esteja, a renovar hoje o seu encontro com Jesus Cristo. Que cada um de nós, hoje, dedique um pouco de tempo para pensar: “Jesus, Tu estás dentro de mim: quero encontrar-te todos os dias. Tu és uma Pessoa, não uma ideia. Tu és um companheiro de caminho, não um programa. Tu és o Amor que resolve tantos problemas. Tu és o início da evangelização. Tu, Jesus, és a fonte da alegria”. Amém!

Quarta-feira, 22 de novembro de 2023

27. O anúncio é para todos

Estimados irmãos e irmãs!

Depois de ter visto, na última vez, que o anúncio cristão é alegria, meditemos hoje sobre um segundo aspeto: é para todos, o anúncio cristão é alegria para todos! Quando nos encontramos verdadeiramente com o Senhor Jesus, a maravilha deste encontro invade a nossa vida e pede para ser levada além de nós mesmos. É isso que Ele deseja, que o seu Evangelho seja para todos. Com efeito, nele existe um “poder humanizador”, um cumprimento de vida destinada a cada homem e mulher, porque Cristo nasceu, morreu e ressuscitou para todos. Para todos: sem excluir ninguém!

Na *Evangelii gaudium* lê-se: «Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”» (n. 14). Irmãos e irmãs, sintamo-nos ao serviço do *destino universal do Evangelho*, que é para todos; e distingamo-nos pela capacidade de sair de nós próprios - para ser verdadeiro, o anúncio deve sair do próprio egoísmo - e ter também a capacidade de superar todos os confins. Os cristãos reúnem-se mais no adro do que na sacristia, e vão «pelas praças e pelas ruas da cidade» (Lc 14, 21). Devem ser abertos e expansivos, os cristãos devem ser “extrovertidos”, e este seu carácter vem de Jesus, que fez da sua presença no mundo um caminho contínuo, em vista de alcançar todos, até aprendendo de alguns dos seus encontros.

Neste sentido, o Evangelho narra o encontro surpreendente de Jesus com uma mulher estrangeira, cananeia, que lhe suplica que cure a filha doente (cf. Mt 15, 21-28). Jesus recusa, dizendo que só foi enviado «às ovelhas trespalhadas da casa de Israel» e que «não é bom pegar no pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos» (vv. 24.26). Mas a mulher, com a

insistência típica dos simples, responde que até «os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos» (v. 27). Jesus fica impressionado e diz-lhe: «Mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas» (v. 28). O encontro com esta mulher tem algo de único. Não só alguém faz com que Jesus mude de ideia, mas trata-se de uma mulher estrangeira e pagã; mas o próprio Senhor encontra a confirmação de que a sua pregação não se deve limitar ao povo a que pertence, mas abrir-se a todos.

A Bíblia mostra-nos que quando Deus chama uma pessoa e faz uma aliança com alguns, o critério é sempre este: *escolhe alguém para alcançar outros*, este é o critério de Deus, da chamada de Deus. Todos os amigos do Senhor experimentaram a beleza, mas também a responsabilidade e o peso de ser “escolhidos” por Ele. E todos sentiram o desânimo perante as próprias debilidades ou a perda das suas seguranças. Mas talvez a maior tentação consista em considerar a chamada recebida um privilégio, por favor, não, a chamada não é um privilégio, nunca! Não podemos dizer que somos privilegiados em relação aos outros, não! A chamada é para um serviço. E Deus escolhe alguém para amar todos, para ir ao encontro de todos!

Também para evitar a tentação de identificar o cristianismo com uma cultura, com uma etnia, com um sistema. Mas deste modo perde a sua natureza verdadeiramente *católica*, isto é, para todos, universal: não é um grupinho de eleitos de primeira classe. Não nos esqueçamos: Deus escolhe alguns para amar todos. Este horizonte de universalidade. O Evangelho não é só para mim, é para todos, não o esqueçamos. Obrigado!

Quarta-feira, 29 de novembro de 2023

28. O anuncio é para hoje

Prezados irmãos e irmãs!

Da última vez vimos que o anúncio cristão é *alegria* e é *para todos*; hoje vejamos um terceiro aspeto: é *para hoje*.

Quase sempre se ouve falar mal do dia de hoje. Certamente, com as guerras, as mudanças climáticas, a injustiça planetária e as migrações, as crises da família e da esperança, não faltam motivos de preocupação. De modo geral, a atualidade parece ser habitada por uma cultura que coloca o indivíduo acima de tudo e a tecnologia no centro de tudo, com a sua capacidade de resolver muitos problemas e os seus gigantescos avanços em tantos contextos. Mas, ao mesmo tempo, esta cultura do progresso técnico-individual leva à afirmação de uma liberdade que não quer dar limites a si própria e é indiferente aos que ficam para trás. E assim entrega as grandes aspirações humanas à lógica muitas vezes voraz da economia, com uma visão da vida que descarta os que não produzem e se esforça por olhar para além do imanente. Poderíamos até dizer que nos encontramos na primeira civilização da história que procura organizar globalmente uma sociedade humana sem a presença de Deus, concentrando-se nas grandes cidades que permanecem horizontais, mesmo com arranha-céus vertiginosos.

Vem-nos à mente a história da cidade de Babel e da sua torre (cf. *Gn 11, 1-9*). Nela, narra-se um projeto social que sacrifica toda a individualidade à eficácia do coletivo. A humanidade fala uma só língua - poderíamos dizer que tem um “pensamento único” - é como se estivesse envolvida numa espécie de feitiço geral que absorve a singularidade de cada um numa bolha de uniformidade. Então Deus confunde as línguas, ou seja, restabelece as diferenças, recria as condições para que a singularidade se desenvolva, reaviva o múltiplo onde a ideologia gostaria de impor o único. O Senhor também distrai a humanidade do seu delírio de onnipotência: «Criemos um nome para nós», dizem os exaltados habitantes de Babel (v. 4), que querem

chegar ao céu, para se colocar no lugar de Deus. Mas estas são ambições perigosas, alienantes, destrutivas, e o Senhor, confundindo estas expectativas, protege a humanidade, impedindo uma catástrofe anunciada. Esta história parece realmente atual: ainda hoje, a coesão, em vez da fraternidade e da paz, assenta muitas vezes na ambição, no nacionalismo, na homologação e nas estruturas técnico-económicas que inculcam a persuasão de que Deus é insignificante e inútil: não tanto porque se procura mais conhecimento, mas sobretudo porque se quer mais poder. É uma tentação que permeia os grandes desafios da cultura atual.

Na *Evangelii gaudium* procurei descrever alguns deles (cf. nn. 52-75), mas sobretudo pedi «uma evangelização que ilumine novas formas de relacionamento com Deus, com os outros, com o ambiente e que suscite valores fundamentais. É preciso chegar onde se formam as novas narrativas e paradigmas, atingir os núcleos mais profundos da alma das cidades com a Palavra de Jesus» (n. 74). Em síntese, só se pode anunciar Jesus habitando a cultura do próprio tempo; e tendo sempre no coração as palavras do apóstolo Paulo sobre o hoje: «Eis, pois, o tempo favorável, eis agora o dia da salvação!» (2 Cor 6, 2). Por isso, não é necessário contrastar o hoje com visões alternativas do passado. Também não basta reafirmar convicções religiosas adquiridas que, embora verdadeiras, se tornam abstratas com o passar do tempo. Uma verdade não se torna mais credível porque se eleva a voz ao dizê-la, mas porque é testemunhada com a vida.

O zelo apostólico nunca é a mera repetição de um estilo adquirido, mas o testemunho de que o Evangelho está vivo para nós hoje. Conscientes disto, olhemos, pois, para a nossa época e para a nossa cultura como dom. São nossas, e evangelizá-las não significa julgá-las de longe, nem sequer estar na varanda a gritar o nome de Jesus, mas sair para as ruas, ir aos lugares onde as pessoas vivem, frequentar os espaços onde as pessoas sofrem, trabalham, estudam e refletem, habitar as encruzilhadas onde os seres humanos partilham o que faz sentido para a sua vida. Significa ser, como Igreja, «fermento de diálogo, de encontro, de unidade. Afinal, as nossas próprias formulações de fé são o resultado de um diálogo e de um encontro entre culturas, comunidades e instâncias diferentes. Não devemos ter medo do diálogo: pelo contrário, é precisamente o confronto e a crítica

que nos ajudam a evitar que a teologia se transforme em ideologia» (Discurso na V Conferência nacional da Igreja italiana, Florença, 10 de novembro de 2015).

É necessário estar nas encruzilhadas do hoje. Abandoná-las empobreceria o Evangelho e reduziria a Igreja a uma seita. Frequentá-las, pelo contrário, ajuda-nos, a nós cristãos, a compreender de forma renovada as razões da nossa esperança, a extrair e a partilhar do tesouro da fé «coisas novas e coisas velhas» (Mt 13, 52). Em suma, mais do que querer converter o mundo de hoje, é preciso *converter a pastoral* para que ela encarne melhor o Evangelho no hoje (cf. Evangelii gaudium, 25). Façamos nosso o desejo de Jesus: ajudar os companheiros de viagem a não perder o desejo de Deus, a abrir-lhe o coração e a encontrar o Único que, hoje e sempre, dá a paz e a alegria ao homem.

Quarta-feira, 6 de dezembro de 2023

29. O anúncio está no Espírito Santo

Prezados irmãos e irmãs!

Nas catequeses passadas vimos que o anúncio do Evangelho é *alegria*, é *para todos* e deve visar *o hoje*. Agora descobramos uma última característica essencial: é preciso que o anúncio seja feito no Espírito Santo. Com efeito, para “comunicar Deus” não são suficientes a jubilosa credibilidade do testemunho, a universalidade do anúncio e a atualidade da mensagem. Sem o Espírito Santo, todo o zelo é vão e falsamente apostólico: seria apenas nosso, não daria fruto.

Na *Evangelii gaudium* recordei que «Jesus é o primeiro e o maior evangelizador»; que «em qualquer forma de evangelização o primado é sempre de Deus», que «quis chamar-nos a colaborar com Ele e estimular-nos com a força do seu Espírito» (n. 12). Eis o primado do Espírito Santo! Por isso, o Senhor compara o dinamismo do Reino de Deus com «um homem que lança a semente na terra; quer durma quer esteja acordado, de noite ou de dia, a semente germina e cresce; como, ele próprio não sabe» (Mc 4, 26-27). O Espírito é o protagonista, precede sempre os missionários e faz germinar o fruto. Esta consciência consola-nos muito! E ajuda-nos a determinar outra, igualmente decisiva: ou seja, que no seu zelo apostólico a Igreja não anuncia a si mesma, mas uma graça, um dom, e o Espírito Santo é precisamente o Dom de Deus, como disse Jesus à samaritana (cf. Jo 4, 10).

No entanto, o primado do Espírito não deve induzir-nos à indolência. A confiança não justifica o desinteresse. A vitalidade da semente que cresce por si só não autoriza os agricultores a descuidar o campo. Ao dar as últimas recomendações, antes de subir ao céu, Jesus disse: «Recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas [...] até aos confins da terra» (At 1, 8). O Senhor não nos deixou dispensas de teologia, nem um manual de pastoral a aplicar, mas o Espírito Santo, que

suscita a missão. E o empreendimento corajoso que o Espírito infunde levamos a imitar o seu estilo, que tem sempre duas características: *criatividade* e *simplicidade*.

Criatividade, para anunciar Jesus com alegria, a todos e hoje. Nesta nossa época, que não ajuda a ter um olhar religioso sobre a vida, e na qual em vários lugares o anúncio se tornou mais difícil, cansativo e aparentemente infrutífero, pode surgir a tentação de desistir do serviço pastoral. Talvez nos refugiemos em zonas de segurança, como a repetição habitual de coisas que sempre fazemos, ou nos apelos aliciadores de uma espiritualidade intimista, ou ainda num sentido mal compreendido da centralidade da liturgia. São tentações que se disfarçam de fidelidade à tradição, mas muitas vezes, mais do que respostas ao Espírito, são reações às insatisfações pessoais. Pelo contrário, a criatividade pastoral, a audácia no Espírito, o ardor do seu fogo missionário, é prova de fidelidade a Ele. Por isso, escrevi que «Jesus Cristo pode também romper os esquemas tediosos em que pretendemos aprisioná-lo e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, surgem novos caminhos, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras repletas de renovado significado para o mundo atual» (*Evangelii gaudium*, 11).

Portanto, criatividade; e depois simplicidade, precisamente porque o Espírito nos leva à fonte, ao “primeiro anúncio”. Com efeito, é «o fogo do Espírito que [...] nos faz acreditar em Jesus Cristo que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai» (*ibid.*, 164). Este é o primeiro anúncio, que «deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de todas as intenções de renovação eclesial»; para repetir: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora está vivo ao teu lado todos os dias, para te iluminar, fortalecer e libertar» (*ibid.*).

Irmãos e irmãs, deixemo-nos conquistar pelo Espírito, invocando-o todos os dias: que Ele seja o princípio do nosso ser e do nosso agir; que Ele esteja no início de cada atividade, encontro, reunião e anúncio. Ele vivifica e rejuvenesce a Igreja: com Ele não devemos ter medo, porque Ele, que é

harmonia, mantém sempre unidas a criatividade e a simplicidade, suscita a comunhão e envia em missão, abre à diversidade e reconduz à unidade. Ele é a nossa força, o sopro do nosso anúncio, a nascente do zelo apostólico. Vinde, Espírito Santo!

Quarta-feira, 13 de dezembro de 2023

30. Effatà, abre-te Igreja!

Estimados irmãos e irmãs!

Hoje concluimos o ciclo dedicado ao zelo apostólico, no qual nos deixamos inspirar pela Palavra de Deus para ajudar a cultivar a paixão pelo anúncio do Evangelho. E isto diz respeito a cada cristão. Pensemos no Batismo, quando o celebrante diz, tocando os ouvidos e os lábios do batizado: «O Senhor Jesus, que fez ouvir os surdos e falar os mudos, te conceda ouvir depressa a sua palavra e professar a tua fé».

E ouvimos o prodígio de Jesus. O evangelista Marcos descreve minuciosamente o lugar onde ele ocorreu: «Rumo ao mar da Galileia...» (7, 31). O que têm em comum estes territórios? São habitados predominantemente por pagãos. Não eram territórios habitados por judeus, mas sobretudo por pagãos. Os discípulos saíram com Jesus, que é capaz de abrir os ouvidos e a boca, ou seja, o fenómeno da mudez e da surdez, que na Bíblia é também metafórico e designa o fechamento às exortações de Deus. Existe uma surdez física, mas na Bíblia quem é surdo à palavra de Deus é mudo, não comunica a palavra de Deus.

Há também outro sinal indicativo: o Evangelho cita a palavra decisiva de Jesus em aramaico, *effatá*, que significa “abre-te”, que se abram os ouvidos, que se abra a língua, é um convite dirigido não tanto ao surdo-mudo, que não podia ouvi-lo, mas precisamente aos discípulos daquela época e de todos os tempos. Também nós, que recebemos o *effatá* do Espírito no Batismo, somos chamados a abrir-nos. “Abre-te”, diz Jesus a cada crente e à sua Igreja: abre-te porque a mensagem do Evangelho precisa de ti para ser testemunhado e anunciado! E isto faz-nos pensar também na atitude do cristão: o cristão deve estar aberto à Palavra de Deus e ao serviço do próximo. Os cristãos fechados acabam mal, sempre, porque não são cristãos, são ideólogos, ideólogos do fechamento. O cristão deve estar

aberto ao anúncio da Palavra, ao acolhimento dos irmãos e irmãs. E por isso, este effatá, este “abre-te”, é um convite a todos nós para nos abirmos.

Já no final dos Evangelhos, Jesus recomenda-nos o seu desejo missionário: ide além, ide apascentar, ide anunciar o Evangelho.

Irmãos, irmãs, como batizados, sintamo-nos todos chamados a testemunhar e a anunciar Jesus. E, como Igreja, peçamos a graça de ser capazes de realizar uma conversão pastoral e missionária. Nas margens do mar da Galileia, o Senhor perguntou a Pedro se o amava e depois pediu-lhe para apascentar as suas ovelhas (cf. vv. 15-17). Interroguemo-nos também nós, que cada um de nós faça esta pergunta, questionemo-nos: amo verdadeiramente o Senhor, a ponto de o querer anunciar? Desejo tornar-me sua testemunha ou contento-me com ser seu discípulo? Tomo a peito as pessoas que encontro, levo-as a Jesus na oração? Desejo fazer algo para que a alegria do Evangelho, que transformou a minha vida, torne a vida deles mais bela? Pensemos nisto, reflitamos sobre estas perguntas e vamos em frente com o nosso testemunho.

NOTAS

[1] Cf. *Quaestio “De veritate”*, 24, 7.

[2] *Exercícios espirituais*, Anotações, 2, 4.

[3] Orígenes, *In Johannem*, II, 210: «Quem quer que dê testemunho]da verdade, seja por palavras ou obras, ou trabalhando de qualquer maneira a favor dela, pode chamar-se com razão testemunha. Mas o nome de testemunha (*martyres*) em sentido próprio, a comunidade de irmãos, impressionados pela força de espírito daqueles que lutaram pela verdade ou virtude até à morte, adquiriu o costume de o reservar àqueles que deram testemunho do mistério da verdadeira religião através da efusão do sangue».